

ILUSTRAÇÃO

PASCOA
1931



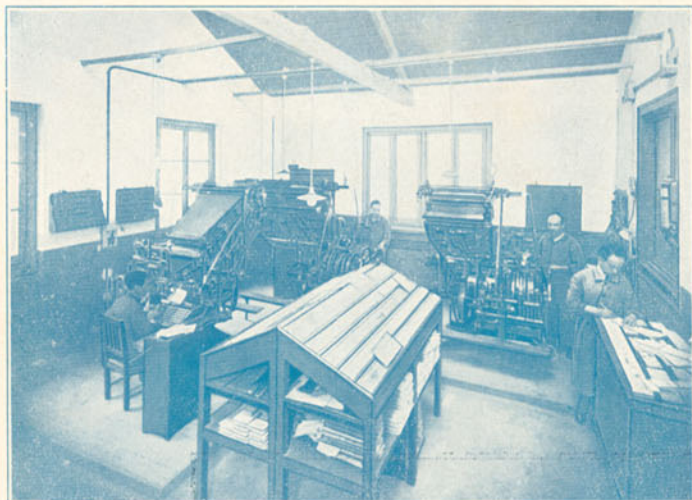
:: Ano VI ::



:: N.º 127 ::

LISBOA, 1 DE ABRIL DE 1931

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



Sala das máquinas "Linotype"

Sociedade Gráfica Editorial

S. A. R. L.

Rua da Alegria, 30
LISBOA

TRICROMIA
DESENHO
TRABALHOS DE
GRANDE ARTE
TRABALHOS
COMERCIAIS
INEXCEDIVEL
PERFEIÇÃO
ORÇAMENTOS
GRATIS

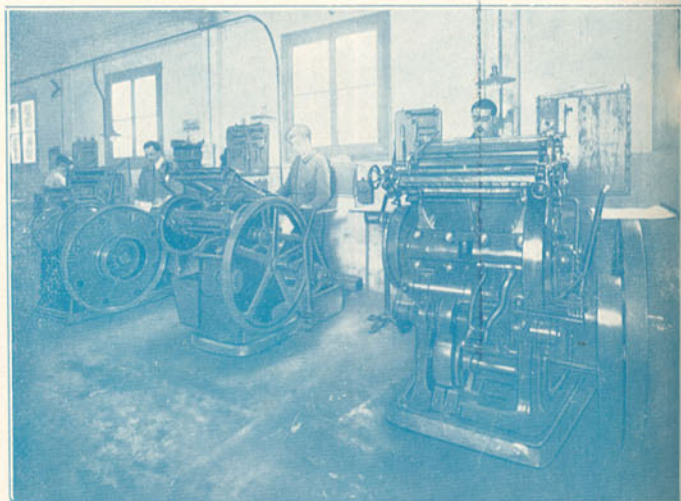
As mais modernas instala-
ções do país e aquelas
que maior capacidade de
produção possuem ~ ~ ~

SECCÃO ESPECIAL
DE PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS ULTRA-
- - - RÁPIDAS - - -

COMPOSIÇÃO MECANICA

E' nas oficinas desta Socie-
dade que se imprimem to-
dos os belos trabalhos
gráficos de

Ilustração, Magazine
Bertrand, O Volante,
Historia da Literatura
Portuguesa (Ilustrada),
O Comercio Português,
Revista Aéronáutica
Almanach Bertrand



Uma fase da oficina de impressão

SETER, L.^{DA}

(Société d'Études Techniques et Representations, L.^{da})

■
Lisboa: AUTO PALACE
RUA ALEXANDRE HERCULANO, 66

— Telefones: N. 4692 - 4693 - 4694 —

Porto: Av. dos Aliados, 156, 158

— Telefone 4495 —

■
Apresenta os melhores automoveis do mundo:

HORCH
TALBOT
HOTCHKISS

SUPER-CAMIONETAS DIAMOND T

■
Exclusivo da maravilha de construção e economia

MOTORES "JUNKERS"

— A OLEOS PESADOS —

■
Acessórios—Pneus—Gazolinas—Oleos

— A mais bela, espaçosa, chic e cuidadosa —

Garage de recolha de Lisboa

O que é Indanthren?

Todos sabem que há tecidos, cujas côres são mais ou menos duradoiras; alguns desbotam bem depressa sob a acção da luz do sol, outros largam a tinta já na primeira lavagem. Teremos, portanto de duvidar da duração dessas côres.

V. Exa. pode evitar essas dúvidas pedindo, ao comprar tecidos ou fios de algodão, sêda artificial ou linho, fazenda de tinto Indanthren, pois, com o nome de Indanthren foi criado um sortido de côrantes, com os quais se obteem tintos da máxima resistência possível aos raios solares, à lavagem e às intempéries.

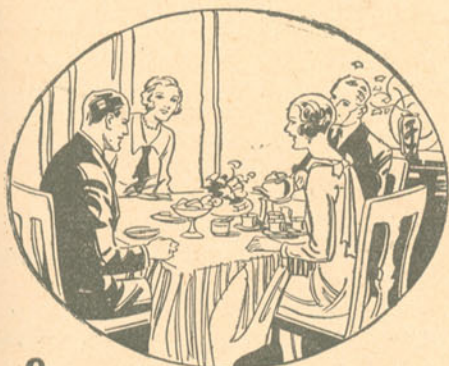
Exija, portanto, artigos de tinto ou de estamparia Indanthren e convença-se de que os que V. Exa. tiver escolhido tenham a marca registada, abaixo reproduzida.

Tecidos e fios tintos ou estampados com Indanthren são duma

solidez insuperada à lavagem,
à luz, às intempéries.

Só nos artigos tintos ou estampados com côrantes Indanthren é que pode ser aplicada a etiqueta Indanthren.





O Verdadeiro Acolhimento

completa-se, oferecendo-se uma bebida agradável e que possua renome universal. A mesa de chá tornar-se-ha mais convidativa, mais distinta, se a qualidade for



CHÁ HORNIMAN
 Sómente em pacotes
 de 14—50—125 e 250 gramas.

Tão simples

é o enchimento da caneta-tinteiro "Pelikan".



Enche-se a caneta-tinteiro "Pelikan" sem auxilio de qualquer tubo de borracha, botão ou alavanca. Uma bombasinha, existente na caneta, puxa a tinta para dentro do reservatorio visivel. Precisa-se de mergulhar a penna só até á metade; a caneta fica, portanto, sempre asseada. O espaço visivel destinado á tinta na caneta-tinteiro "Pelikan", dá a conhecer continuamente, quando deve-se enchê-lo novamente.

A tinta "Pelikan" para canetas-tinteiro flue sempre com maxima facilidade e regularidade, tornando-se bem preta, por fim, prestando-se para qualquer systema de caneta-tinteiro.

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
 E FISIOTERAPICO DO ESTORIL



Banhos de agua termal,
 Banhos de agua do mar
 quentes, BANHOS CAR-
 BO-GASOSOS, Duches,
 Irrigações, Pulverisa-
 ções, etc. — — — —

FISIOTERAPIA, Luz,
 Calor, Electricidade
 médica, Raios Ultra-
 violetas, DIATERMIA
 e Maçagens. — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12
 Telefone E 72



Pelikan

PARA TODO O MUNDO

GÜNTHER WAGNER
 HANNOVER

A venda nas casas do ramo

GRATUITAMENTE



OFFERECEMOS à escolha dos felizes **1.000 Phonografos**
a título de propaganda, aos mil primeiros leitores que encontrarem a solução
- exacta do hieroglifo seguinte e se conformarem com as nossas condições -

CONCURSO L. S. O.

Substituir os pontos pelas letras
que faltam e achar assim o nome
de trez cidades:

P. R. O.
C. I. B. A.

Complete este anúncio e remeta-o aos

Etabl. VIVAPHONE (Service 07) 116, Rue de Vaugirard. PARIS. 6^e (France)

Juntar um envelope preenchido claramente com o nome e endereço

NOTA - A correspondência para o estrangeiro deve ser franquiada com um selo de 1725

NOVIDADE SENSACIONAL

Com o **PENTE ONDULADOR** transforme os seus
cabelos lisos em naturalmente ondulados para toda
a vida, utilizando sempre o



PREÇO

15800

Duma maneira geral procede-se da seguinte forma: Lavam-se os cabelos e secam-se pouco; depois de desembaraçados com um pente apropriado (desembaraçador), pentear com a cabeça ainda humida, com o **Pente Ondulador**, de forma que as ondas do pente sejam dirigidas para o exterior.
Fazer deslizar o pente através dos cabelos na posição indicada cerca de 10 a 15 vezes, e assim se obtém uma linda ondulação para sempre.



Exclusivo de venda: **Academia Scientifica de Beleza**
M. me Campos Avenida da Liberdade, 35 LISBOA

UM ARGUMENTO DE PESO



Mais de 150 anos

de justificada fama, garantem ser a **FARINHA DE S. BENTO** um poderoso alimento não só para crianças como para pessoas de tôdas as idades e, em especial, fracas ou idosas. Vende-se em todos os bons estabelecimentos e no Depósito Geral: R. DE S. BENTO, 374 - LISBOA. - Telefone Norte 3670

Bolachas

Nacional

a grande
m a r c a
portuguesa

Radio Corporation of America

(A maior organização mundial de Radio)



La "Radiola 80" è la macchina che riproduce esattamente e perfettamente i suoni e la voce umana: soltanto con questa macchina si può comprendere l'importanza della Radio. Esprimo la mia maggiore soddisfazione alle R.C.A. Victor Co. Inc. che costruirono la Radiola 80.

Pullakagiri

Roma.
3 Novemb.
1930.

Mascagni, o grande maestro italiano, compositor da «Cavalaria Rusticana», é um admirador do material R. C. A.

Foi ele que se dignou inaugurar a potente estação de 50 kw. de Roma, uma das melhores estações emisoras do mundo, inteiramente construída pela R. C. A.

Possuidor de um dos novos modelos, da serie de 1931, o super modelo 80, teve a gentileza de dedicar o seguinte autografo á R. C. A.

«A Radiola 80 é o aparelho que reproduz exacta e perfeitamente o som e a voz humana; só com este aparelho se pode compreender a importancia do Radio.

Aqui deixo expressa a minha maior satisfação á R. C. A. Victor Co. que fabricou este aparelho».



Preço: escudos 6.000\$000

Representantes exclusivos:

Sociedade Iberica de Construções Electricas Limitada

Praça Luis de Camões, 36, 2.º

Telefone: 25347

L I S B O A

FABRICA DE LOIÇA DE SACAVEM

A maior fabrica de ceramica fina da Peninsula

SERVIÇOS DE JANTAR

SERVIÇOS DE CHÁ

E' a faiança a loiça mais economica para uso diário porque é a mais resistente

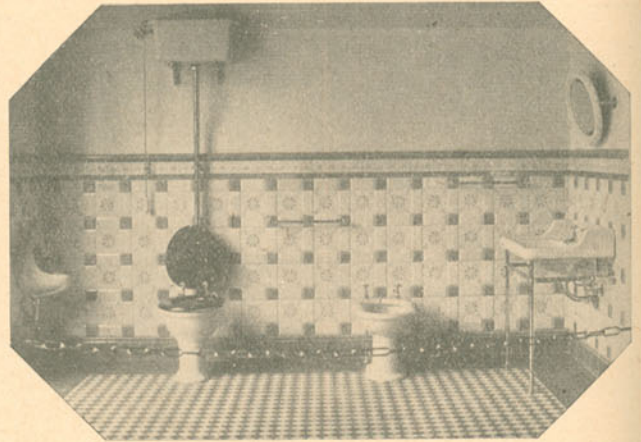
AZULEJOS BRANCOS E DE CÔR

MOSAICOS CERAMICOS

E' o pavimento mais conveniente e mais higienico para cosinhas, quartos de banho, retretes, halls, terraços, edificios publicos, hospitais, etc. Formam-se lindos e variados parquets da maior duração.

LISBOA — 126, 132, Rua da Prata

PORTO — 40, Rua Carmelitas



LOIÇA SANITÁRIA

Estes artigos sanitários fazem honra á industria nacional

'Allenburys'

Alimento Lacteo



MÃES!
PEÇAM HOJE MESMO
O NOSSO FOLHETO
GRATIS.



Principie com Allenburys N° 1. (Alimento lacteo).

Três meses depois dê-lhe Allenburys N° 2. (Alimento lacteo).

Ao fim de 6 meses, mude para Allenburys N° 3. (Alimento maltado).

Desta forma dará ao seu bebé o alimento que a Sciencia classifica de mais eficaz para alternar com o leite materno.

A Amamentação com os Alimentos "Allenburys".

ALLEN & HANBURYS Ltd., LONDON
Agentes Exclusivos: Coll Taylor Ltda, Rua dos Douradores 29, 1ª, Lisboa



O "Sal de Fructa" ENO, consagrado por sessenta anos de verdadeiros sucessos em todo o mundo, é o remedio mais eficaz para corrigir todas as irregularidades resultantes das perturbações do aparelho digestivo. De preparação salina efervescente, exempto de sal mineral purgativo, o ENO tem uma acção branda e suave, podendo-se tomar em todas as idades e em todas as estações do ano.

Uma colher, dis de cafe, num copo de agua, pela manhã e a noite.

SAL DE FRUCTA ENO "FRUIT SALT"
Depositaños em Portugal: ROBINSON, BARDSLEY, & C^a. LTD.,
8, Caes do Sodré, LISBOA.

UMA BÔA IDEA



Ninguém acreditaria que o pequeno Zêquinhas tivesse dado tanto que fazer à sua mãesinha. — E, no entanto, é verdade. O Zêquinhas era muito exigente na comida e, não se lhe tendo encontrado o que lhe convinha, o pequeno tornou-se enfezadinho, magro e descorado. Felizmente a mãesinha lembrou-se da Farinha Nestlé e o Zequinhas voltou à vida. Agora já está forte, robusto e cheio de alegria como a irmã-

sinha que também deve a saúde à Farinha Nestlé.

A Farinha Lactea Nestlé não é um excelente alimento para a criança só por ser composta de matérias primas de qualidade insuperável. O processo de fabrico, obedecendo às modernas exigências científicas também contribuiu muito para a justa fama que tem alcançado em todas as partes do mundo.

FARINHA NESTLÉ

**LEITE
CONDENSADO
"MOÇA"**

Para a criança privada do seio materno o melhor alimento nos primeiros meses é o leite condensado açucarado "Moça". A pedido, a Nestlé Rua Ivens, 11 e 13, Lisboa, envia a V. Ex.^a uma amostra grátis dos dois produtos bem como o folheto do Dr. Vidal sobre os cuidados e a alimentação a da às crianças.



Felicidade familiar.

Já pensou alguma vez na importancia que tem a saude da dona de casa? D'ella depende a prosperidade dos filhos, a capacidade de trabalho do marido e a felicidade inteira da familia.

O Trabalho que pesa sobre a dona de casa, é muitas vezes superior ás suas forças.

Ora, se a fadiga se lhe torna chronica, a bôa marcha da casa corre sempre risco.

Uma chavena d'Ovomaltine, ao pequeno almoço, está indicada n'estes casos, para reconstituir as forças enfraquecidas da dona de casa, e proporcionar-lhe a energia que necessita para levar a bom caminho, sem fadiga e sem difficuldade, o trabalho de cada dia.

A saude é coisa bem mais importante ainda na mulher grávida

visto que o seu mais ardente desejo é dar a seu filho com a vida, a plenitude de saude e de forças que elle necessita.

Aquellas cujo estomago, chega a nada supportar, tolerarão sempre e tomarão com gosto uma chavena d'Ovomaltine. Por outro lado numerosas experiencias clinicas tem demonstrado que a Ovomaltine augmenta a secreção lactea e portanto auxilia a mãe a alimentar o seu filho.

A Ovomaltine é o recurso, a ajuda fiel da mulher em todos os casos de fraqueza.



A **OVOMALTINE**

é a saude

À venda em todas as pharmacias e drogarias

Dr. A. WANDER, S. A., BERNE

Unicos concessionarios para Portugal

ALVES & Ca. (IRMÃOS)

Rua dos Correios, 41-2º

Lisboa



ILUS TRA CÃO

Ano VI ————— N.º 127

1 de Abril de 1931

Director-Delegado: José Carlos da Silva
Director: João de Sousa Fonseca ..
Editor: Francisco Amaro

Redacção: RUA CECILIO DE SOUSA, 77, 1.º —
Telef. 2 1467 .. Composição e impressão
RUA DA ALEGRIA, 30 — Telef. 2 0537 ..
Assinaturas e Administração: RUA DO DIARIO
DE NOTICIAS, 78 — Telef. 2 3132 .. Publi-
cidade: RUA ANCHIETA, 25 — Telef. 2 0535 ..
Propriedade e edição de Aillaud, Ltd. e Em-
presa Nacional de Publicidade — LISBOA.



D'ANNUNZIO, O POETA QUE FOI SEMI-DEUS

O divino Gabriele d'Annunzio, em plena decadência, padecendo de todos os achaques espirituais à beira do ridículo até, pelas suas atitudes teatrais, está agora, também, à beira da morte física porque uma grave doença o prostrou. (Foto Orríos)

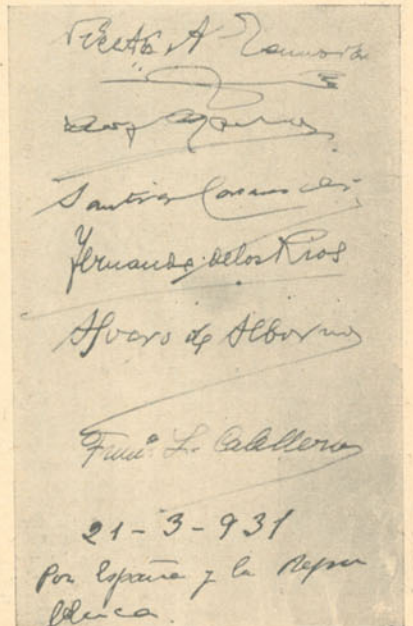
UM DOCUMENTO

O documento que abaixo reproduzimos é deveras notável de oportunidade. Trata-se das assinaturas dos chefes republicanos espanhóis, encabeçando uma profissão de fé na data em que foram libertados do cárcere pela sentença do Conselho de Guerra. (Foto Orríos)



CHARLIE CHAPLIN NA EUROPA

O genial mímico, criada dessa silhueta inolvidável que é o trágico fantoche Charlot, passeia triunfante pela Europa. Nenhum chefe de estado ou político atraíu nunca as atenções na mesma medida de Chaplin. A nossa fotografia mostra-o, com Bernard Shaw, Lord e Lady Astor, na estreia do seu filme «Luzes da Cidade», em Londres. (Foto Orríos)



VEJAM!...



Swami Karunandajee

O prestigioso chefe político do sul da Índia, cuja popularidade tem aumentado muito com o declínio da estrela de Ghandi.

(Foto Orrios)



Herman Müller

O grande político alemão, cujo nome fica indissolúvelmente ligado à história da política mundial deste século e que acaba de falecer.

(Foto Orrios)



Franklin Bouillon

O irrequieto deputado das direitas francezas, acerrimo adversario de Briand e da sua politica e cujo papel de obstrucionismo e de combate á paz com a Alemanha preconizada pelo grande chanceler, tem levantado vivissimos comentarios na imprensa mundial.

(Foto Orrios)



A catastrophe do expresso Paris-Lisboa

O magnifico expresso que faz a ligação de Lisboa com Paris sofreu, em Étampes, um grave descarrilamento. As duas carruagens da cauda saltaram dos rails e a catastrophe produziu-se instantaneamente, dando origem á morte de tres passageiros e dois empregados da Companhia. O numero de feridos eleva-se a vinte e entre eles ha um português, o engenheiro Anselmo Pinto Basto Vieira. A foto mostra o estado em que ficou o vagão-restaurante do comboio descarrilado.

(Foto Orrios)

UMA PEQUENA GRANDE PINTORA

De todas as inumeras exposições que esta quinzena, como todas as quinzenas, abriam em Paris, cidade da arte, por excelencia, a mais comentada, a que mais vivo interesse despertou, foi, sem duvida a de Mademoiselle Battagay. A pequena pintora, com efeito, é um atrahente caso de precocidade artistica. Contando apenas 12 anos, não se limita a ser uma pintora correcta. A sua pintura é altamente cerebral e arrojada. A nossa foto mostra-a deante do seu quadro *Danado* que foi elogiadissimo.

(Foto Orrios)



UM CASAMENTO RÉGIO

As bodas de Sua Magestade El-Rei D. Pedro VII, sobe- rano do Congo

D. PEDRO VII, Rei do Congo, tem a honra de con-
vidar V. Ex.^{ta} para assistir ao seu casamento que terá
lugar amanhã, pelas 9 horas, na Igreja da Missão
Portuguesa com D. Isabel Tusamba e bem assim
para um pequeno almoço que oferece em sua casa
às 12 horas.

EM pleno sertão de Angola, na vetusta cidade de San Salvador — relicário precioso de sacrosantas ruínas de um passado que foi grande — celebrou-se no pretérito 10 de Janeiro — o enlace matrimonial de S. M. Dom Pedro VII, Rei do Congo, senhor que foi de um harem bem sortido de negras belezas, com Dona Isabel Tusamba, dama de alta linhagem na aristocracia preta, em cujas veias corre ainda o ardente sangue dêsse Reis de antanho que foram fortes na peleja e duros no tratar. Aos cinquenta anos da idade, D. Pedro, convertido em absoluto à religião católica, resolveu abandonar os braços esculturais de suas favoritas — de quem teve numerosa prole — para se prender aos encantos da noiva escolhida, a mulher que — companheira fiel — lhe ha-de adoçar as agruras de seu duro ofício de reinar porque, neste mundo de desenganos, nem sempre se toja o caminho atapetado de flores...

Só tarde se soube da resolução real, mas a nova correu célebre pelo alcançado da serra da Kanda, atravessando como um meteóro as espessas matas



À saída da igreja: Os noivos, o sacerdote e os padrinhos

do Fuléje, as planícies do Luide, até chegar a povos e «embalas», onde o sucesso de tão grande acontecimento chamou às terras de D. Pedro algumas centenas de indivíduos ávidos de gosar um espectáculo inédita e talvez único nos anais da história dinástica do Congo, desde o feroz Rei Lukeni a nossos dias.

Sóbas e sobêtas importantes deixaram suas senzalas acompanhados de luzida comitiva, todos envergando seus mais vistosos e bizarros panos, muitos trajando à moda europeia, e largaram por atalhos sertanejos em direitura a San Salvador, caminho da banza real.

D. Pedro a todos recebeu com gentileza e, no negrume da noite — trémulas como pirlam-

pos entontecidos — dezenas de fogueiras crepitaram alumiando frouxamente o largo recinto onde se estabeleceram os acampamentos.

Alguns Príncipes, porém, não compareceram.

D. Alvaro Tangué d'Água Rosada — filho do falecido Rei D. Pedro V, — Ambrósio Divengle, Duque de Bamba, e outros fidalgos que outrora foram preciosos conselheiros na côrte, não viram com bons olhos o casamento do Rei, da mesma forma que, em 1923, não levaram a bem a sua subida ao trôno.

E, talvez em sinal de protesto — eles que pretendiam que outra mulher fôsse rainha — não assistiram ao cerimonial, a-pesar de D. Isabel ser sobrinha de D. Pedro Bemba



Depois da boda: D. Pedro VII e sua esposa a rainha Isabel

e descendente de Reis que foram célebres e temidos nas terras dêste Congo que abraça...

Não obstante a dissidência havida entre os velhos conselheiros, estiveram na côrte de San Salvador os Príncipes de Pangála, do Tuco, de Sóio, de Banza-Puto, de Sandúla e os fidalgos Tulante,

do Cuje, Catende do Cunga Sengle de Kincóche.

Foi celebrante o Rev. Padre Júlio Matias, Superior da Missão do Espírito Santo, o qual, num brilhante improviso, apontou aos numerosos ouvintes que por completo enchiam a nave do Templo, o exemplo de seu Rei que —



polígamo até então — se abraçava ao Cristianismo, arremessando para longe os preconceitos tradicionais da tribo a que pertence, E D. Pedro VII, absolutamente à vontade em sua cerimoniosa indumentária, dando a direita à Rainha Tusamba — que ostentava na frente a corôa real feita de prata — recebeu a benção, assistindo a todo o ritual litúrgico com o maior respeito e compostura.

Foram padrinhos o administrador da Circunscrição, Hermínio Ribeiro Castelo Branco, e sua esposa, tendo o Rei, após a cerimónia religiosa, oferecido em sua banza um opíparo almoço que decorreu no meio da maior alegria.

À noite, enquanto na banza real Príncipes, Duques e Sóbas grandes dançavam ininterruptos charlestons, o povoleu, saciado de vinho, prazenteiro e descuidado como toda a multidão que se diverte, organizou formidáveis batuques, quebrando assim, com o tanger forte de marimbas e tambores, o silêncio profundo que habitualmente paira sobre a cidade-vêlhinha — cidade que é ainda relicário precioso de sacrosantas ruínas de um passado que foi grande...

Maquela, Congo, Jan. 1931

MANOEL DE SENEAS.



À direita — O povo, á saída da igreja, aclama os recém-casados reais

PELO NORTE DO PAIZ



N^o Porto inaugurou-se um novo stand, propriedade da grande firma lisboeta S. E. T. E. R. LIMITADA, em que se expõem com um successo enorme os formosos e excelentes automóveis «Hotchkiss» e «Horch». Uma vista da fachada e outra do interior do stand. (Fotos A. Martins)



NA FIGUEIRA DA FOZ

REALISOU-SE na séde da Associação Naval 1.^a de Maio um almoço de homenagem ao ilustre maestro Alves Coelho (em cima), almoço que decorreu na maior animação e cordialidade pelo ilustre visitante daquela prestimosa agremiação desportiva figueirense.



EM VIANA DO CASTELO

EM homenagem ao treinador hurgaro do Sport Club Vianense, sr. Gencsi Dezso, que deixa aquela cidade para ir treinar o Victoria de Setubal, efectuou-se um lúcido desafio de foot-ball. Em baixo, o homenageado (X) com os jogadores dos dois grupos e à esquerda um aspecto da assistência.

(Fotos Aureliano Carniis)





UM NOVO BARCO PORTUGUÊS

VISITA dos Senhores General Carmona, Presidente do Ministerio, Ministro da Marinha e outras patentes navais, ao magnifico barco *São Miguel*, da Companhia de Navegação «Carregadores Açoreanos» que faz a sua primeira viagem para as Ilhas Adjacentes.

O General que insultou «o Duce»



(Foto Orrios)

O já celebre general americano Butler, que insultou Mussolini e cujo processo tanta repercussão internacional obteve, já não será julgado. As ultimas noticias dos Estados Unidos dão o seu processo como arquivado o que põe em cheque a agressividade do Duce.

O ALMOÇO DE HOMENAGEM

ASPECTO da assistencia ao entusiastico banquete oferecido ao escritor e jornalista Gustavo de Matos Sequeira, festejando o seu re-

A MATOS SEQUEIRA

gresso à actividade jornalística e a sua posse de Presidente do Sindicato dos Profissionais da Imprensa.





VEJAM!...

UM CASAMENTO PRINCIPESCO

A princesa de Orléans Bragança vai casar, em breve, na cidade de Palermo, com o Conde de Paris, filho do Duque de Guise e herdeiro-pretendente da corôa francesa.

A foto representa: O príncipe Pedro de Orléans Bragança e a princesa, pai e mãe da noiva, a princesa Isabel de Orléans Bragança e a Duquesa de Guise, mãe do Conde de Paris, depois da assinatura dos espousais.

(Foto Orriol)



OS JULGAMENTOS DE MADRID

Produziu a maior sensação o recente julgamento, em conselho de guerra, dos chefes republicanos espanhóis.

A nossa foto, à direita representa os srs. Casares (1), Largo Caballero (2), Alcalá Zamora (3), Miguel Maura (4), Albornoz (5) e De los Rios (6) com os seus defensores Ossorio Y. Gallardo (7), Pergamin (8), Jimenez de Asúa (9), Victoria Kent (10) e Sanchez Roman (11) que obtiveram a sua liberdade. No oval: a bicha de publico que, desde madrugada, esperava entrar no tribunal.

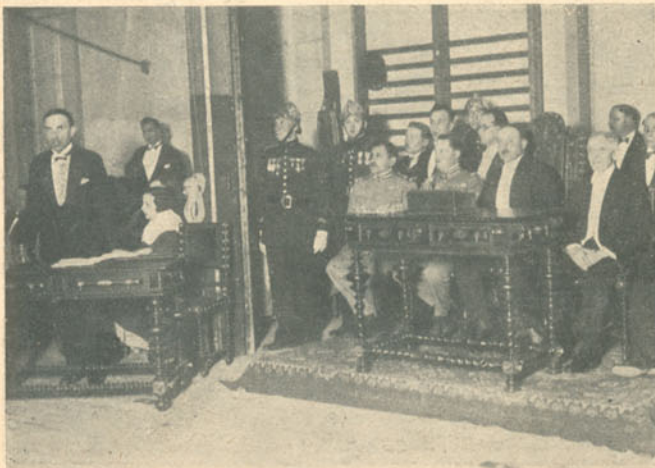
(Fotos Orriol.)



FESTAS ASSOCIATIVAS

O "Gimnásio Club Português" promoveu uma das mais brilhantes festas em que foi parte integrante uma linda sessão solene (em baixo, à esquerda).

Os Bombeiros Voluntarios de Carcavelos solenizaram, com entusiasticas festas a benção e baptismo das novas viaturas, um automaca e um pronto socorro (em baixo, à direita).





UMA RAINHA DA "MI-CARÊME"

No elegante Lisboa Ginásio Club efectuou-se, com grande brilhantismo, o tradicional baile da *Mi-Carême*, sendo um dos mais belos atractivos da festa a eleição da rainha da formosura que a nossa foto mostra, rodeada das suas damas de honor e da direcção e jurty do concurso.



UM BELO SERÃO DE ARTE

O Grupo Coral da Sociedade Nacional de Música de Câmara, levou a efeito, nos belos salões da Liga Naval Portuguesa, uma grande festa de arte que terminou por um baile elegantíssimo de que a nossa foto (reproduz uma das animadas fazes.



NO GRÉMIO DE TRAZ-OS-MONTES

A prestante agremiação regionalista que é o Grémio de Traz-os-Montes, prosseguindo na formosa série de festas mundanas, efectuou mais um animado baile nos seus salões. A nossa foto, à direita, mostra um grupo de ilustres senhoras que assistiram á festa.

(Fotos Ilustração)



ARTE



O pintor argentino B. de Quirós, expoz em Paris, com sucesso formidável, as suas obras típicas.

(Foto Orríos)

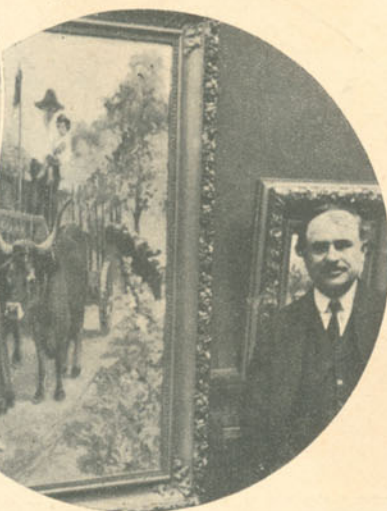


Poulbot, o desenhador genial dos petizes, com alguns dos seus protegidos, na exposição retrospectiva dos seus desenhos, inaugurada em Montmartre.

(Foto Orríos)



No oval, Maria Adelaide de Lima Cruz, a decoradora e pintora modernista que expoz, com sucesso enorme, no Salão Opel.



No medalhão, à esquerda — O talentoso pintor Frederico Ayres, paisagista e marinista de raras qualidades, junto de uma das obras que expoz, com sucesso retumbante, na Soc. Nac. de Belas Artes.

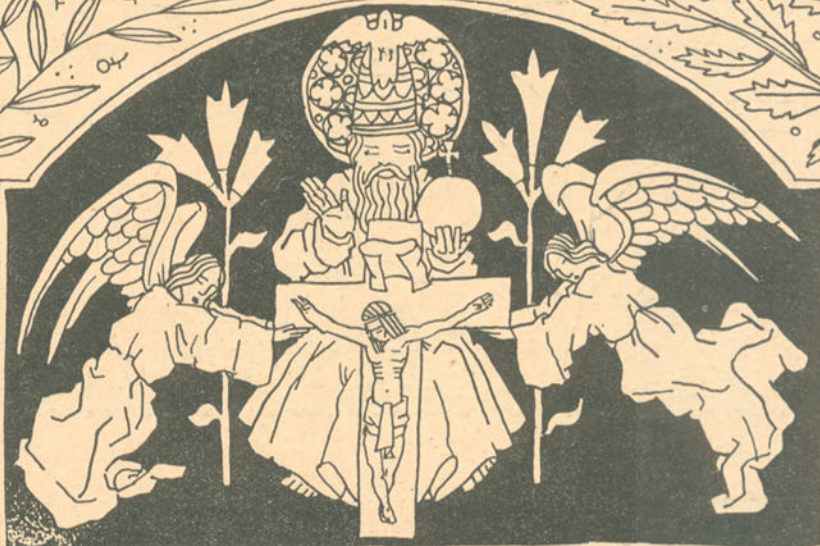
Em Paris, no Petit Palais, realizou-se uma exposição retrospectiva das obras de Alfred Roll. Em baixo: auto-retrato de Roll. — (Foto Orríos)

Em baixo, Maria de Lourdes de Melo e Castro, a apreciada pintora, com algumas das pessoas que assistiram ao «vernissage» da sua exposição.





FESTA NA ALDEIA — Quadro de Eugénio Hermoso
(Museu de Arte Moderna de Madrid)



Os animaes na vida dos Santos



MA das emoções mais confortantes que se elevam da leitura da vida dos santos é o sentimento da universalidade da admiração prestada ao altíssimo poder da Bondade.

Nessas belas páginas, o Bem deixa de ser uma abstracção, passando a agir como uma força poderosa, como uma das mais sublimes potências criadoras. É o Bem, considerado como força, como agente subtil, palpitando no mistério das coisas que guarda o segredo das sublimes manifestações a que chamamos milagre.

Compreendida assim, admitindo a santidade como a mais elevada manifestação da Bondade, já não surpreende que saia fora dos limites ingênuos da tradição popular a narrativa da impressionante colaboração dos animais no esplendor da vida dos santos.

Foi uma águia que levou os homens a conhecerem o prodigioso poder da santidade. S. Servolo caíra, em Roma, em poder dos bárbaros, que não respeitavam a vida dos prisioneiros. Quando, ao amanhecer, os hunos vão ao encontro do santo para o decapitar, recuaram assombrados ante este for-

moso quadro: S. Servolo dormia o verdadeiro sono dos justos, e uma águia estendia sobre ele as azas para o proteger e lhe dar sombra.

A outros santos que não conseguiram escapar do martírio, como S. Prisco, S. Floriano e S. Adalberto, aconteceu que foram as águias que fizeram frente aos outros animais protegendo os seus despojos.

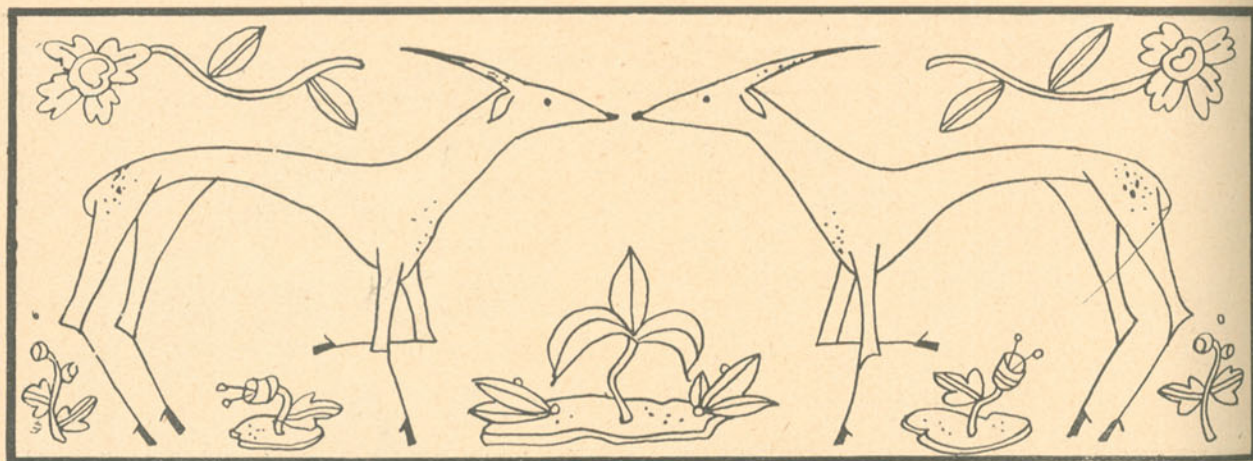
A S. Alberto foi uma águia que lhe trouxe o hábito de beneditino, e a S. Therry, foi ainda uma águia que o guiou até ao local onde ele deveria fundar um mosteiro.

Quem não conhece a história de S. Vicente e a acção protectora dos corvos, guardando o seu cadáver até ser recolhido na costa algarvia?

Os corvos aparecem muitas vezes na vida dos santos, mas onde a sua intervenção é mais assombrosa é na vida do profeta Elias e na de S. Bento.

O profeta Elias é alimentado por um corvo. Na vida de S. Bento dá-se o contrário.

É o corvo que alimenta o santo, até ao dia em que se dá esta linda scena. O corvo vinha comer pão à mão do santo. Um dia, o santo recebe um pão envenenado. O corvo, segurando o pão com o bico, impede que S. Bento o leve a



bôca, e, voando, vai deitar o pão fora, em lugar em que ninguém pudesse correr o perigo de o apanhar e comer.

De Santo Huberto de Maroilles se conta que, um dia, um veado foragido, fôra procurar asilo seguro nas suas vestes, contra a perseguição dos caçadores e dos cães.

Com S. Gens, êste reconhecimento da bondade e ainda é mais expressivo.

Uma côrça veio deitar-se aos pés do santo procurando abrigo contra as frêchadas dos caçadores. E a protecção de S. Gens, presentida pelo pobre animal, foi ao ponto de uma seta, dirigida para a côrça, ficar cravada na mão do santo.

As côrças, os gamos e o veado aparecem muitas vezes como sanção do milagre, verdadeiro esplendor da bondade.

S. Laumer, salvando uma côrça da perseguição dos lobos, vê com enlévo que o animal não mais o deixou de acompanhar, entrando com êle no mosteiro. O mesmo acontece a S. Frutuoso, que se fazia acompanhar por uma côrça que êle tinha salvo dos cães. S. Boldomino, durante todo o tempo que vi-

veu longe dos homens, foi alimentado por uma côrça, e de S. Rialto se conta que, tendo o povo feito uma festa em honra do santo, os veados, as côrças e os gamos vieram das florestas misturarem-se com a multidão dos fieis.

Quem não conhece o lindo episódio da vida de S. Huberto, o santo patrono dos caçadores, que um dia vê dirigir-se ao seu encontro um veado, tendo nas hastes um crucifixo?

Linda, embora se possa classificar de alegoria, é a representação de S. Ambrósio. A iconografia popular figura S. Ambrósio em trajos arquiépiscopais e com abelhas voando em tórno da sua cabeça. Conta a lenda que um dia, quando S. Ambrósio era pequenino e dormia no palácio de seu pai, um enxame de abelhas viera pousar sôbre a sua bôca, o que anunciou à família a maravilha do destino dessa criança predestinada.

S. João Evangelista foi descoberto por um caçador, afagando uma perdiz que viera pousar nas suas mãos. Como compensação, os pássaros vinham assistir aos sermões e à pregação de S. Francisco de Assis e Santo António.

Ao mártir Quirino foi-lhe arrancada a língua e atirada a um falcão. Este não lhe tocou. Santa Coleta acolhe rôlas e andorinhas.

Quem não conhece a famosa história de S. Francisco de Assis com o lobo?

A acção dos animais ferozes na vida dos santos é prodigiosa e rica de maravilhosos ensinamentos.

S. Gervásio, cego de nascença, é conduzido por um lobo, na sua vida de peregrino. S. Prisolo, perdido numa floresta, é conduzido ao seu caminho por dois lobos.

E que dizer da história singular de Santo Arnúfo, bispo de Soissons? Arnúfo, monge na abadia de S. Medard, sabe que deverá ser eleito abade ou bispo. Ficará aguardando essa honraria era tornar-se peccador pela vaidade. Então, decide abandonar o mosteiro durante

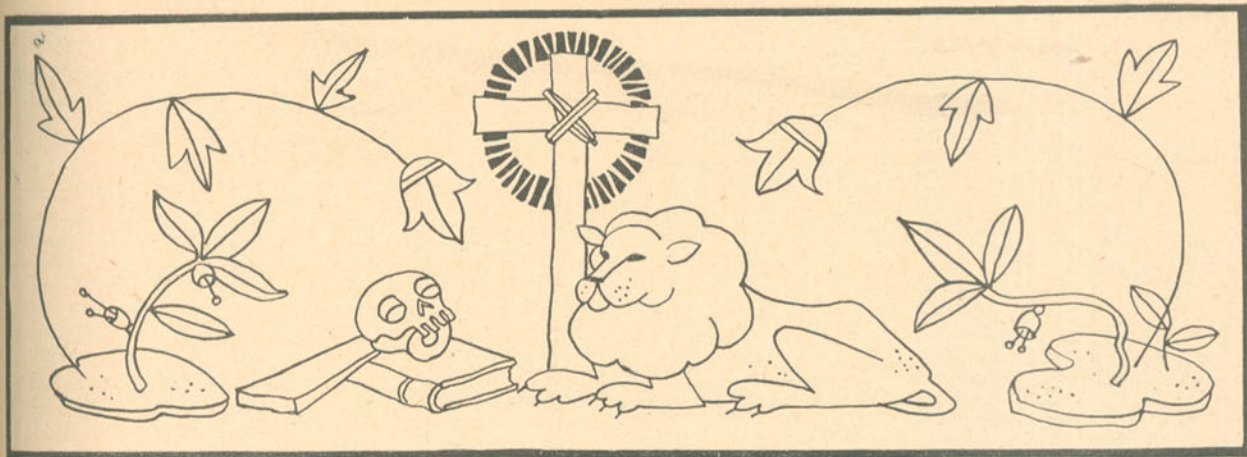
a noite. Para melhor garantia de não ser encontrado, segue em direcção a uma floresta e deixa-se perder, na noite densa, confiando na Providência. Não quer ela que êle fugisse à dignidade do seu novo cargo. E no escuro da noite, um lobo guiou o futuro Santo Arnúfo, conduzindo-o até à entrada da abadia.

Na iconografia dos santos é curioso observar que os lobos facilmente se confundem com os cães. Nos estudos sôbre características e atributos dos santos, os cães figuram junto dos lobos, de tal modo êstes animais, na vida dos santos, semelham em docilidade.

É um cão que guia Santa Margarida de Cortona até ao lugar onde estava o cadáver do homem que ela amava e que deixou a casa paterna, acabando por pedir asilo num convento. É também um cão que presta um enorme auxilio a S. Roque. O peregrino vivia isolado e doente na floresta. Um cão foi levar um pão ao solitário, roubando-o da mesa de um rico senhor dono de um castelo das proximidades.

Aos animais domésticos foi a história e a lenda buscar lindas narrativas que muito em-





O galo aparece na vida de S. Pedro e de S. Vito.

É bastante curiosa, plena de imprevisto, a representação iconográfica do Beato Martin de Tórres, muito venerado na América espanhola como o santo dos ratos.

Martin de Tórres, enfermeiro no convento de São Rosário de Lima, verifica que o sacristão quer destruir os ratos que infestavam o convento. Para êsse fim chega a ser preparado o veneno. Martin de Tórres intercede a favor das «pobres criaturas de Deus». E para que êles não fôssem mortos prometeu ao sacristão, e depois foi pedir e prègar aos ratos que êle cuidaria do seu sustento desde que êles se abstivessem de devastar as provisões do mosteiro. Martin de Tórres é representado com uma «corbeilles» cercada de ratos.

A vida dos santos está repleta destas scenas de piedade pelos animais, piedade tão grande que ela é extensiva aos animais ferozes.

São Gall dava de comer ao urso, e êste, como recompensa, fazia o transporte da lenha para o consumo dos monges.

S. Wast d'Arras, numa pequena capela de Peronne, dizia missa depois de ter aprisionado um urso a uma pedra. O urso seguia o santo para tóda a parte.

S. Aventino, de Froyes, é representado com ursos e pássaros para exprimir o poder da sua bondade sobre os seres vivos.

A gratidão, tocando os animais ferozes, é freqüente na vida dos santos.

S. Gerasimo, da Thebaída, vivia com um leão, a quem uma vez socorreu tirando-lhe um abrolho de uma pata. O leão morreu sobre o túmulo do santo.

O número de mártires poupados pelos animais ferozes é enorme. Santa Maria Egípcíaca foi enterrada por um leão para a livrar de ser devorada por outros animais. S. Pantaleão, exposto às feras, observa confiante que um leão lhe vem lambe os pés. O profeta Daniel foi poupado quando exposto às feras.

O leão aparece também, na iconografia dos santos, simbolizando a força do saber e da doutrina, como em S. Jerónimo, S. Marcos e S. Tomás.

E já agora, para fechar esta crónica, lembarei que S. Eguim, bispo de Worcester, para se penitenciar da vida mundana que levava na sua mocidade, meteu os pés em cadeias e atirou com a chave ao mar, fazendo voto de assim se conservar até que a morte o libertasse. Mais tarde, com os pés presos, resolve fazer uma peregrinação a Roma. A equipagem do barco pesca um enorme peixe, no ventre do qual foi encontrada a chave que o santo arrojara ao mar. Vendo que a aparição da chave era um sinal do céu indicando-lhe que podia quebrar a sua penitência, seguiu o aviso e terminou o seu voto.

A mesma lenda aparece na tradição portuguesa, atribuída a S. Geraldo, arcebispo de Braga. Tendo também atirado com a chave das suas cadeias ao rio, um peixe lha devolveu.

EDUARDO FRIAS.

LAUS DEO



desportos



Miss Delphine Reynolds à sua chegada ao aeródromo de Hanworth, depois de ter batido o *récord* do tempo na travessia Londres-Cidade do Cabo (Foto Orrios)

A crise tremenda do «foot-ball» português, conflito de dirigentes iniciado em divergências da A. F. L. com o Congresso da F. P. F. A., entrou no caminho do irremediável, estabelecendo uma cisão na massa praticante do popular desporto.

Infelizmente a situação criada irá entretanto reflectir-se nas competições internacionais a disputar ainda esta época, e aquele renome conquistado no campo desportivo para Portugal, nas lutas valorosas de Amsterdam, corre o risco de cheques desprimorosos. E esta, a nosso ver, a mais grave consequência do conflito.

Há responsabilidades assumidas, compromissos internacionais a que é impossível esquivarmo-nos sem desprimor próprio; sejam quais forem as condições em que a coloquem rebeldias e desvários, a Federação não pode arrear caminho no referente aos jogos a disputar com a Itália e a Bélgica, pois isso seria para ela a pior catástrofe que o maior «desaire» em campo.

Perguntamos: sabendo-se que assim é, sabendo-se que a «equipe» nacional sem a colaboração de Lisboa não representa o verdadeiro valor máximo do nosso «foot-ball», porque não colocar portuguêsamente o interesse do nome da Pátria acima de birras e dissentimentos?

APOIO EFICAZ

O encontro de foot-ball França-Alemanha, disputado em Paris há quinze dias, foi de certo o acontecimento desportivo de maior vulto destes últimos tempos.

Era a primeira vez que os grupos nacionais de ambas nações se defrontavam, e em ambas elas o jôgo foi encarado como um assunto nacional.

Colombes recebeu, nessa tarde, cinquenta mil pessoas, entre as quais se contavam 15.000 alemães, vindos da Alemanha para acarinhar e apoiar com seus incitamentos o

onze germânico. Recordamos que, em 1928 em Amsterdam, uma verdadeira invasão alemã se assenhoreara da cidade e do Estádio no dia em que se batiam Alemanha e Uruguai. Por todos os lados ajejavam pequeninas bandeiras negras-amarelas-vermelhas; pelas bancadas das tribunas reboava a espaços o *Deutschland über alles*, e os jogadores de além Reno sentiram durante a luta, a empurrá-los para o assalto, a incutir-lhes confiança e entusiasmo, a alma de uma multidão compatriota.

LITERATURA DESPORTIVA

O jornal *Os Sports* abriu nas suas colunas um concurso de novelas desportivas, fomentando entre nós um género literário que no estrangeiro conhece vasta popularidade.

A este propósito citemos ainda, como característica, uma série de artigos que, sob a designação *As alegrias do desporto*, está sendo publicada em *L'Auto*, e na qual o atletismo, o *foot-ball*, o *rugby*, tôdas as modalidades enfim, são comentadas pelos melhores literatos franceses, académicos alguns, e que todos falam com conhecimento experimental de causa.

Em Portugal, por mal nosso, seria impossível conseguir o mesmo; o escol da gente literata portuguesa é, em matéria de desporto, de uma ignorância total. Isto não impede, contudo, que metam, às vezes colherada no assunto; o resultado é sempre lastimoso, e lembro-me, por exemplo, que num dos seus livros de crónicas um escritor ilustre incluí o *basket-ball* nos desportos aquáticos. Só se fôr em dias de chuva!

SALAZAR CARREIRA.



As joviais concorrentes à primeira regata efectuada em Miami (Estados Unidos), com barcos de motor eléctrico (Foto Orrios)

AS ARTES PLÁSTICAS NA TCHECO- SLOVAQUIA

E digno de nota ainda é o facto de este Estado novo, mas formado de nações de forte e velha tradição, não hostilizar oficialmente tão moço espírito artístico, antes o receber e alentar.

Na verdade, as principais escolas para formação artística dos j6vens — a Academia das Artes Plásticas e a Escola das Artes Indus-



O que nos diz o ilustre
crítico tcheco

F. Knúpfer, Upcka



JOSEF MANES — Retrato



MAX SABINSKY — Rubilov

NESTES 12 anos de independência, prodigiosa é a actividade tchecoslovaca no domínio das artes plásticas — com uma variedade de escolas e de estilos que vai desde o historicismo e o academicismo até, passando pelo impressionismo, às mais audaciosas concepções modernas.

Mas duma maneira geral pode dizer-se que as representações da arte de 800 não são mais que sobrevivências, ilustres, mas sem ambiente, e que o espírito do movimento artístico tchecoslovaco é plenamente europeu, desassombradamente moderno.

trialis, ambas em Praga — não constituem, como quasi sempre, o baluarte do formalismo e do academicismo: são, graças à personalidade dos seus professores, abertas a todas as correntes criadoras da actualidade.

Mas ainda o Estado encoraja os artistas, subvencionando-os, amparando as suas associações, que são muitas e de muito variados credos estéticos, e adquirindo-lhes obras para decoração das intalações dos organismos officiais e sobretudo para a Galeria Nacional de Praga.

Ademais, a pressa febril, mas organizada,



JOSEF MANES — Estudo de nua

com que a Tchecoslováquia monta a sua máquina administrativa, leva à construção de muitos e importantes edifícios, para aloja-

Assim muitos architectos se têm revelado e afamado.

Citemos Kotera, morto em 1923, verdadeiramente o fundador da architectura tcheca moderna; Janák, construtor de grandes edifícios para empresas industriais; Gocár, que se celebrou com a construção do Banco das Legiões e de muitas casas de grandioso estilo moderno, especialmente na cidade de Králové Hradec; Plecnik, com a sua obra admirável



MAX SVABINSKY — Sonata III

mento de organismos públicos, a qual se adjudica em concursos presididos por júris imparciais e desempoeirados — donde resulta que têm sido aprovados projectos de architectos de umas e outras escolas, porém com natural predominância dos modernos dos do seu e nosso tempo.

E, de resto, não só o Estado, também os particulares constroem actividade, sobretudo em Praga e nas principais cidades da província — e também elles dão a preferéncia ao novo estilo rectilíneo, sóbrio, elegante.



SVABINSKY — Sonata I

de restauração do castelo de Praga; Dryák, de cujo traço são os prédios da Régie dos Tabacos e da casa editorial Orbis; Rojt, autor do projecto da grande biblioteca municipal de Praga; Machon, construtor da legação em Varsóvia, e muitos outros architectos, como

Benes, Novotny, Kriz, Tyl, Fuchs, Feners-tejn, Riha, Engel, Hübschmann... — um nunca acabar — todos da vanguarda.

Quanto ao desenho, à pintura, à escultura, para avaliar-se da sua pujança — que é o melhor atestado da vasta cultura do povo tchecoslováco — bastará dizer-se que em três



SVABINSKY — Alegoria

anos, de 1927 a 1929, só em Praga se organizaram 209 exposições, com 21.438 obras!

E estes números aumentam sempre, de ano para ano...

Mas não são só de produção artística actual estas exposições: as sociedades de artistas, sobretudo a «Manes», promovem muitas retrospectivas, jubilaes, de estrangeiros, como a de J. Manes, o criador da pintura tcheca moderna, a do afamado escultor Sturza, em 1926, a de Gutfreund em 1927, a de arte francesa dos séculos XIX e XX, a de arte polaca, a de arte búlgara e tantas outras.



SVABINSKY — Sonata II



SVATOPLOK ČECH — Painel decorativo

Três grandes escultores morreram nos últimos anos: o clássico Myslbek, fundador da escultura tcheca moderna, em 1922, J. Sturza, em 1925, e Gutfreund, em 1927.

A obra de renovação, de europeização artística por eles empreendida tem, todavia, continuadores de talento. Além da falange dos jovens discípulos dos grandes artistas Sturza e Gutfreund, o místico Bílek, a mais característica personalidade de escultura tcheca, o autor desse admirável monumento a Hus, em Kolín; Spaniel, Kafka e Maratka, amigo íntimo e discípulo de Rodin, professores os dois primeiros na Academia das Artes Plásticas e o terceiro na Escola de Artes Industriais; Karel Dvořák, que constrói o monumento aos mortos da guerra para o cemitério do Père-Lachaise, em Paris — são escultores modernos e de valor, de quem a Tchecoslováquia pode orgulhar-se.

Na pintura, além de J. Manes, o pintor clássico já citado, devem apontar-se: do fim do século XIX os pintores de assuntos históricos Jaroslav Germak, Václav Brožík e o ge-

nia Mikulas Ales, da geração seguinte e da geração actual, entre muitos outros, Marak, Hynaisf, Slavicek, Preisler, Svabnisky, Blazicek, Nejedly, Rabas, e dos cubistas, Spála, Zrzavy, Filla e Kremlicka.

Este jovem e forte país, exemplo universal de espírito patriótico, de organização política,

de disciplina social, de rápida e bem alicerçada construção económica, é também um belo exemplo de cultura — uma viva negação das tristes profecias que a viagem a uma América por demais industrializada e alheia aos valores intelectuais e morais inspirou a Duhamel.



MIKULAS ALES — Capitão de cavalos

ESCOLAS...

A educação infantil, na Suíça, é encarada como um factor primordial da vida do povo e da raça e por isso cuidada com extremos de carinho. A criança deve sair forte de corpo e espírito e solidamente municida para a luta. Nas nossas gravuras vê-se uma aula-oficina em que todos, sem distinção, aprendem o b a, ba dum

ofício ao mesmo tempo que a soletrar o compêndio e um lavabo ao ar livre, em que a petizada enrija, alegre e contente.

(Foto Orrios)



O QUE SE TERIA COMIDO NA CEIA DOS APOSTOLOS?

«E no primeiro dos dias em que se comiam os pães asimos, vieram ter com Jesus seus discípulos, dizendo: onde queres tu que te preparemos o que se há-de comer na Páscoa? E disse Jesus: Ide à cidade, a casa dum tal, e dizei-lhe: O Mestre diz: o meu tempo está próximo, em tua casa quero celebrar a Páscoa com meus discípulos.»

Não cuidou S. Mateus de nos contar, com isto, o que teriam comido, que manjares ou que modestos alimentos, nessa tarde memorável de Jerusalém-a-Mártir, Jesus e os doze, dos tocados da tristeza nazarena do Rabbi. Dos textos bíblicos descortina-se apenas o pão e o vinho eucarísticos, talvez o vinho pobre de Engaddi, por pouco abonada a tesouraria da companhia para o vinho espumante e capitoso de Chipre, a essa hora alegrando a mesa fausta de Lucius Pontius Pilatus. Ceia de despedida, convocada sob preságios de tormenta, ao rumorejo triste das oliveiras dolentes do arrabalde de Gethsmani, de que poderia compôr-se?

Quem nos informa? Petrucelli dela Gatina, o *Repórter X* da tragédia do Calvário, esmiuçador de minúcias que fizeram das *Memórias de Judas* um apetitoso fruto proibido, não foi tão longe na indagação do mistério. A romaria frente às telas célebres não nos dá também outro recurso, desde o famoso *cenaculo* de da Vinci até àquele humilde painel do provinciano convento de que o colega João Semana contava a engraçada anedota:

«Havia lá no convento uma pintura muito grande representando a ceia de Cristo; e era esta pintura a que mais atraía as meditações piedosas do tal reverendo, o qual, de olhos fitos naquele quadro, passava horas e horas esquecido de tudo o mais. Outro frade, que tinha notado isto, não pôde ter mão em si que lhe não preguntasse, com aquela voz de lamúria de franciscano manhoso: Em que pensais vós, irmão, quando com tanta atenção olhais para este quadro? Nos tormentos que por nós padeceu o Salvador — respondeu-lhe o tal. E longos foram, na verdade! — continuou o primeiro. Mas porque esta pintura, mais do que as outras, vos traz tão santas ideias? Não tendes na sacristia a do Descimento da Cruz e aquela do Senhor preso à coltuna? É verdade, irmão — diz-lhe en-

tão o franciscano com cara de mortificação — é verdade, mas olhai que não menor tormento era este de ter doze pessoas à meza e tão pouco de comer em cima dela.»

¿O que teriam comido, então, Jesus e os doze apóstolos, por essa tarde longínqua de 13 do nizam, à mesa hospitaleira de Nahum-bar-Lotan, no bairro de Ofel da cidade sagrada? O cordeiro pascal da tradição hebraica certamente que não, dado o fervor dos treze em infringir a Lei das Escrituras por uma Lei-nova, tôda descida do Altíssimo ao fulgor hipnótico dos olhos de Jesus. Talvez os peixes luzentes da Tiberiade azul, irmãos daqueles que um pescador chamado Simão Pedro pescava, por certo meio dia de calma loira em que o Rabbi, descalço pela areia, os longos cabelos em desalinho ao vento soltara para êle o brado místico: Colhe as rêdes e vem comigo. Far-te-hei pescador de almas. Peixes como os que o Mestre multiplicara em Nazareth, por caminhos de lenda. Mas o lago de Tiberiade ficava a muitos

dias de longe, e o pescado era pouco para os ricos romanos mantenedores do prestígio de César. Talvez os queijos fabricados de leite das ovelhas brancas do Moab, o deserto sereno de onde saíra a voz patética de Iokanaan, gritando à mãe de Salomé o insulto. Talvez o mel do Saron, do nectar das rosas cheirosas, talvez gafanhotos...

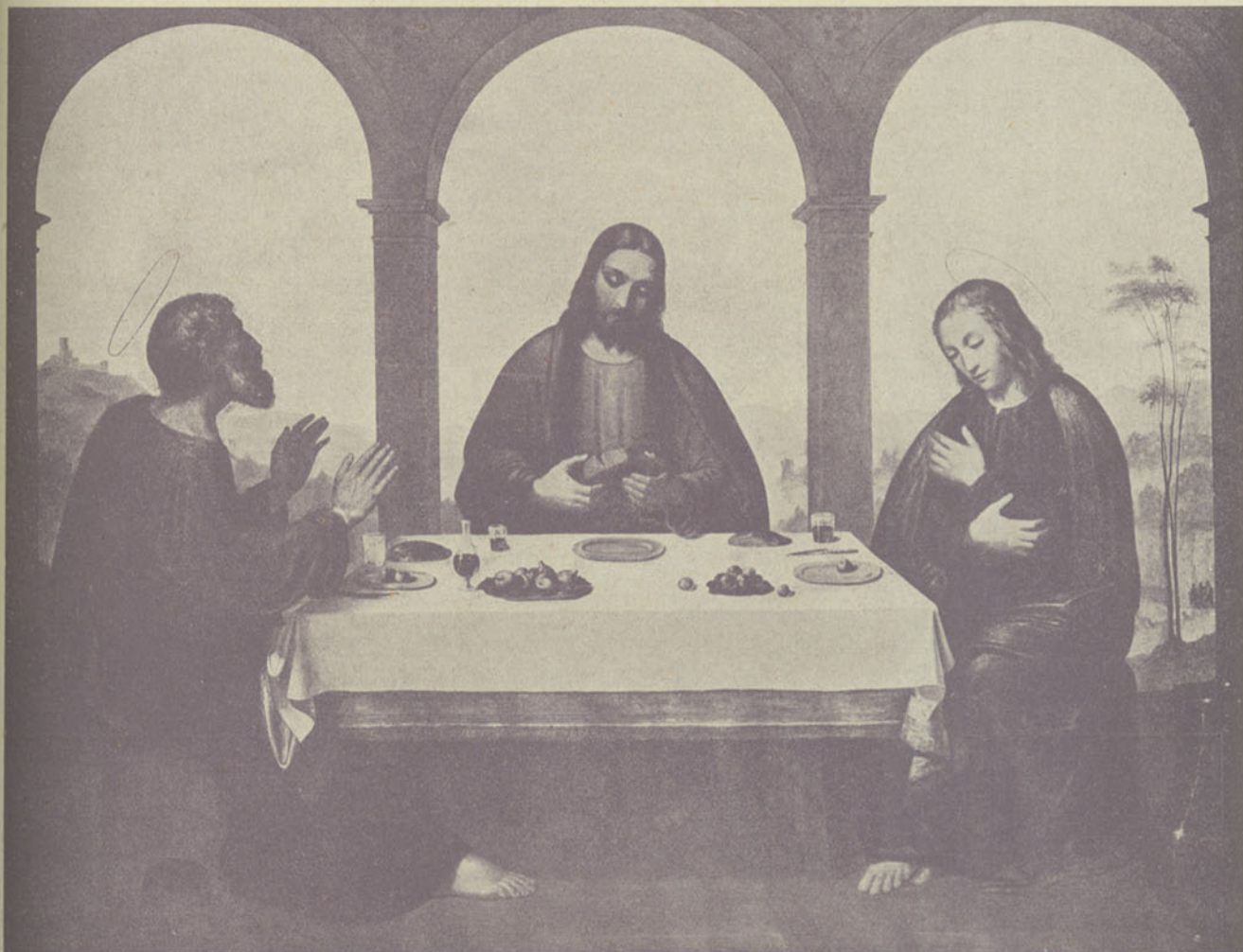
Tudo serão conjecturas sobre as quais ninguém pensou, decerto, construir hipótese acertada. Mas surge a alviçareira xilografia de Dürer, o trágico germânico, a nos industrializar no assunto. Em meio duma tija, à apostólica mesa, surge, esqueleto já, qualquer animal de longa cauda.

¿Lebre, coelho, cordeiro, cabrito? E como soube Dürer o menú da última ceia? Jesus quasi nada comeu — afirma Petrucelli dela Gatina. E os doze, angustiados, talvez não tivessem provado mais que o pão e o vinho eucarístico.

1931.

CELESTINO GOMES.





JESUS CHRISTO E OS DISCIPULOS DE EMAUZ

*«Et aperti sunt oculi eorum, et
cognoverunt eum... in fractione
panis».*

S. Luc. Cap. 24. N. 31 et 35).

Quadro original do Visconde
de Menezes

(LUIZ PEREIRA DE MENEZES)

Pintado em Roma em 1845

Pertenceu á galeria
do Rei-Consorte
D. Fernando



PAGINAS DE ARTE DE

ILUSTRAÇÃO

BERLIM

**IRRESISTIVEL
METRÓPOLE
DE DIVERSÕES
E COCKTAIL
EMBRIAGADOR
DE LUZ...**

No documentário das grandes cidades europeias Berlim merece hoje o primeiro lugar. É, indiscutivelmente, o prototipo da metrópole tentacular, febril, nervosa, corroída da sede insatisfeita de se afirmar, dia a dia, em novas manifestações de belêsa.

É uma cidade cheia de mocidade, respirando a largos haustos saúde, frescura, vitalidade, caminhando com uma rapidez americana para a realização democrática moderna.

Em inúmeros detalhes, que são a síntese da civilização europeia e do realismo yankee, Berlim, grande concentração cosmopolita do velho mundo, ao ser conhecida em tôdas as

suas direcções e através das suas modalidades, prende-nos sugestivamente a atenção.

São os seus monumentos e edificios grandiosos, *ex-libris* da arquitectura medieval e dos últimos figurinos expressionistas. São os seus lindíssimos e aliciantes parques, que cinturam, num abraço suave e em maciços surpreendentes de côr, tôda a cidade; os seus lagos abrindo-se em possibilidades para todos os *sports* náuticos; todo o colar envolvente de centenas de diversões que robustecem o espírito, arejam a existência e proporcionam a alegria de viver.

Mas Berlim não se afirma unicamente no campo do renascimento económico, artístico, científico, literário e desportivo.

O seu desusado movimento de espectáculos, tanto no campo teatral e cinematográfico como no aspecto musical e recreativo, impõe-na como um largo e enorme *affiche* luminoso, espargindo, numa atracção irresistível, num domínio absoluto, fulgurações intermitentes sôbre tôda a Europa.

Além de cerca de cem sociedades recreativas e culturais de amadores, funcionam regularmente na vasta cidade do *Reich* quarenta e nove teatros. Três dêles — caso único no mundo! — estão consagrados à scena lirica: a Ópera Nacional, a Ópera Kroll e o Municipal de Charlottenburgo. Eleva-se a vinte e um o número de teatros de declamação, dois

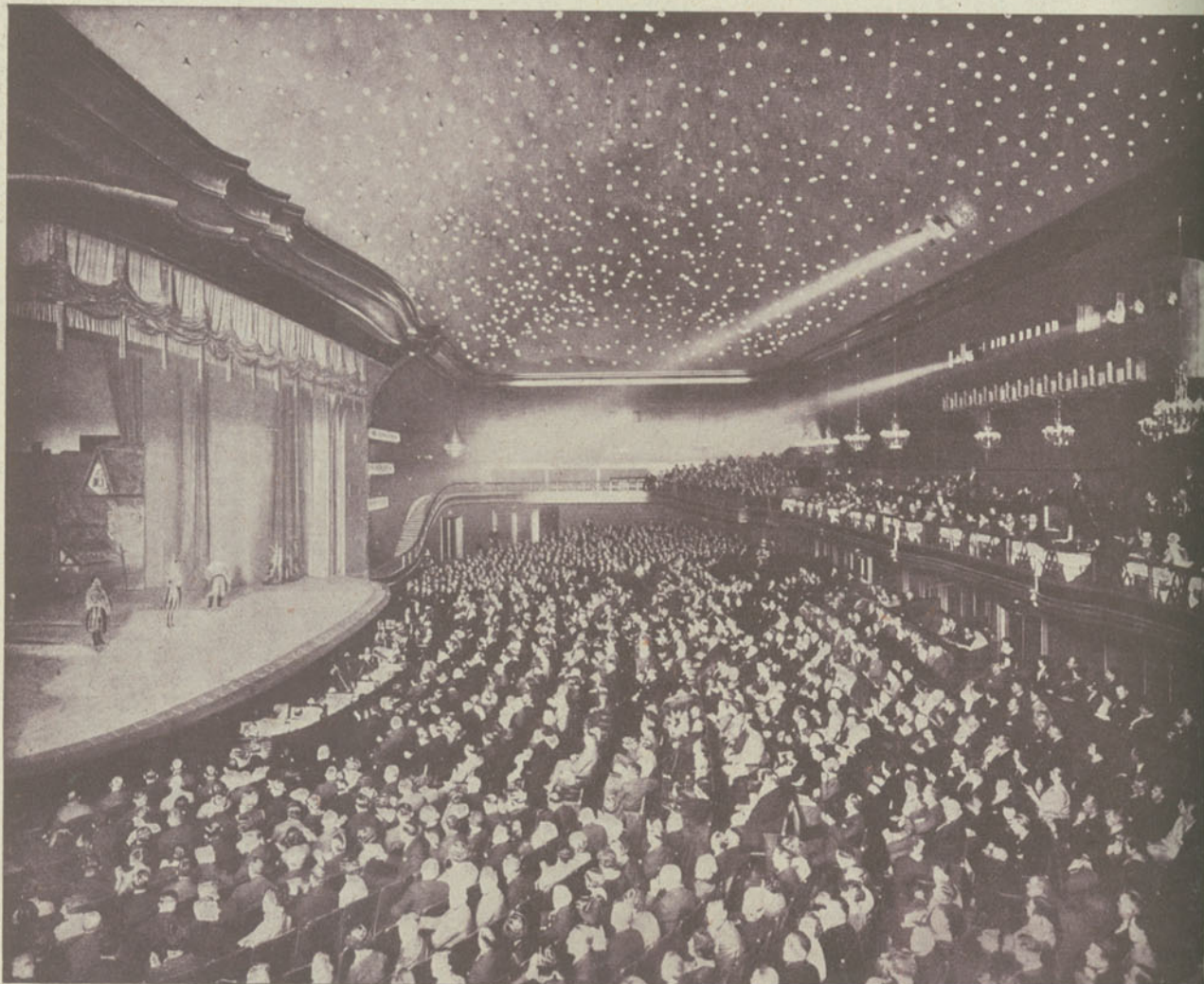
dos quais são subvencionados pelo Estado para que à luz da sua ribalta se exibam, especialmente, obras clássicas alemãs. Quatro grandes scenas de variedades, dez *music-halls*, nove teatros de revista e opereta e dois circos — o Schumann e o Busch — dos maiores do mundo.

Tôdas as modalidades scénicas ali se encontram desde a clássica Comédia Nacional à *boîte*, — caixinha de bombons de Kurfürstendamm, desde a gigantesca «Grande Comédia» ao alegre «Kleines-Theater».

A Ópera Nacional é o local tradicional para as representações de gala. Mandou-o construir, segundo clássicos planos de Knobelsdorf, Frederico, o Grande, por volta de 1748. São sucessivas as transformações por que tem passado. A última foi radical. Reconstruiu-se a scena em moldes modernos e extremamente práticos. Lá está um esplêndido palco giratório, movimentam-se continuamente ascensores na *caixa*, funcionam modernos maquinismos e instalaram-se grandes *cabines* de projecções para os mais estranhos e decorativos efeitos de luz.

A Ópera Kroll, na Praça da República, é de fundação recente. O *kapellmeister* Otto Klemperer converteu-a em baluarte das modernas tendências musicais. A sala de espectáculos, renovada em 1922 pelo architecto Kaufmann, é, simultaneamente, de extraor-

A sala do «Wintergarten», o mais antigo teatro de variedades de Berlim





O «Ufa Palast am Zoo», o maior cinema da Alemanha

dinária singeleza e suntuosidade. Sobriedade de linhas e decoração a mogno e prata.

Entre as instituições teatrais berlinesas, o «Volksbühne», com lotação para dois mil espectadores, inscreve no alto da sua fachada o significativo dístico: «A Arte para o Povo». As massas operárias têm ali um instrumento poderoso e sólido de cultura. Simbolisa-se nesta casa a ideia social na Arte e proclama-se a conquista do teatro sobre as multidões.

A sala de espectáculos maior de Berlim é, incontestavelmente, o «Grosses Schauspielhaus» (o Grande Teatro), onde se representam, desde alguns anos, operetas e revistas, montadas com todo o esplendor e extraordinário movimento de figuração pelo ensaiador Eric Charell. Em ordem de grandeza, segue-se o «Piazza», palco de variedades, construído em 1929, para o que se utilizou metade da Grande Nave Central da antiga *gare* do Leste. Depois, vem o «Wintergarten», com o seu «célebre cén estrelado», vasta scena onde se exibem esplêndidas revistas, o único teatro de Berlim onde se pode assistir às representações comendo e fumando. O «Scala», contíguo ao original e bizarro *dancing Casanova*, é, também, um teatro amplo, confortável, traçado no estilo francês, atraentíssimo. O «Renaissance-Theater», o «Nacional» e o «Hansa» são tudo scenas de elegante recorte.

Na mais trepidante e animada das avenidas de Berlim, no Kurfurstendamm, brilham as luzes do «Die Komoedies» e do novo «Kurfurstendamm». Num bairro pouco elegante da capital berlinesa encontram-se como esquecidos, um junto do outro, localizados no grande pátio duma casa vetusta, o «Deutsches-Theater» e o seu irmão gémeo «Kammerspiele», duas salas que guardam avaramente belas tradições de pura arte.

Recentemente Berlim, que não tem uma colónia de homens de cor que se possa igualar à de Nova York, possui hoje um teatro negro. Desde que Josephina Baker, em sucessivas *turnées*, entusiasmasse o público berlinense, a Alemanha não teve mais ensejo de apreciar, a grandes e harmoniosos conjuntos, as dan-

ças flexíveis e exóticas tão peculiares, tão características entre a gente de cor.

Esse capricho, próprio da época, está agora integralmente satisfeito.

No populoso bairro de Neukoll funciona já, modestamente com grande interesse dum público avultado, uma scena de pretos europeizados, que falam perfeitamente o idioma alemão.

Falando de teatros um nome nos acode imediatamente para o destacar como figura central da vida artística berlinesa,—Max Reinhardt, o grande encenador a quem Cécile Sorel denominou, com toda a propriedade, o «rei do teatro alemão».

Reinhardt, para quem o teatro de hoje sintetisa a dinamisação da vida e das consciências, está para a Alemanha como Pitoeff para a França, Shaw para a Inglaterra e Pirandello para a Itália. É um grande renovador da arte scenica, profundo em processos sintéticos, revolucionariamente decorativos e expressionistas.

Max — *l'enfant gâté* do teatro alemão — dirige uma instituição superior, de largo recorte

EM BAIXO — O palco do «Capitol», em Bahnhof Zoo





Fachada do «Volksbühne», o teatro do povo, na praça Bülow

moderno, a Escola de Arte Dramática, de onde saíram alguns nomes que hoje são célebres em todo o mundo. Recordamos Marlene Dietrich — rival de Greta Garbo — intérprete adorável do *Anjo azul* e que ainda há pouco concluiu na Paramount o impressionante fono filme *Marrocos*. E outros nomes como

Grete Mosheim, ingénua insinuante; Gerda Maurus e Gustav Frolich, principais personagens de *Alta traição*; Willy Fritsch, o galã do *Caminho do Paraíso*, o realizador Wilhelm Murnau, agora morto, etc.

O capítulo cinematográfico, a-pesar da crise que muito atingiu a velha Alemanha na sua

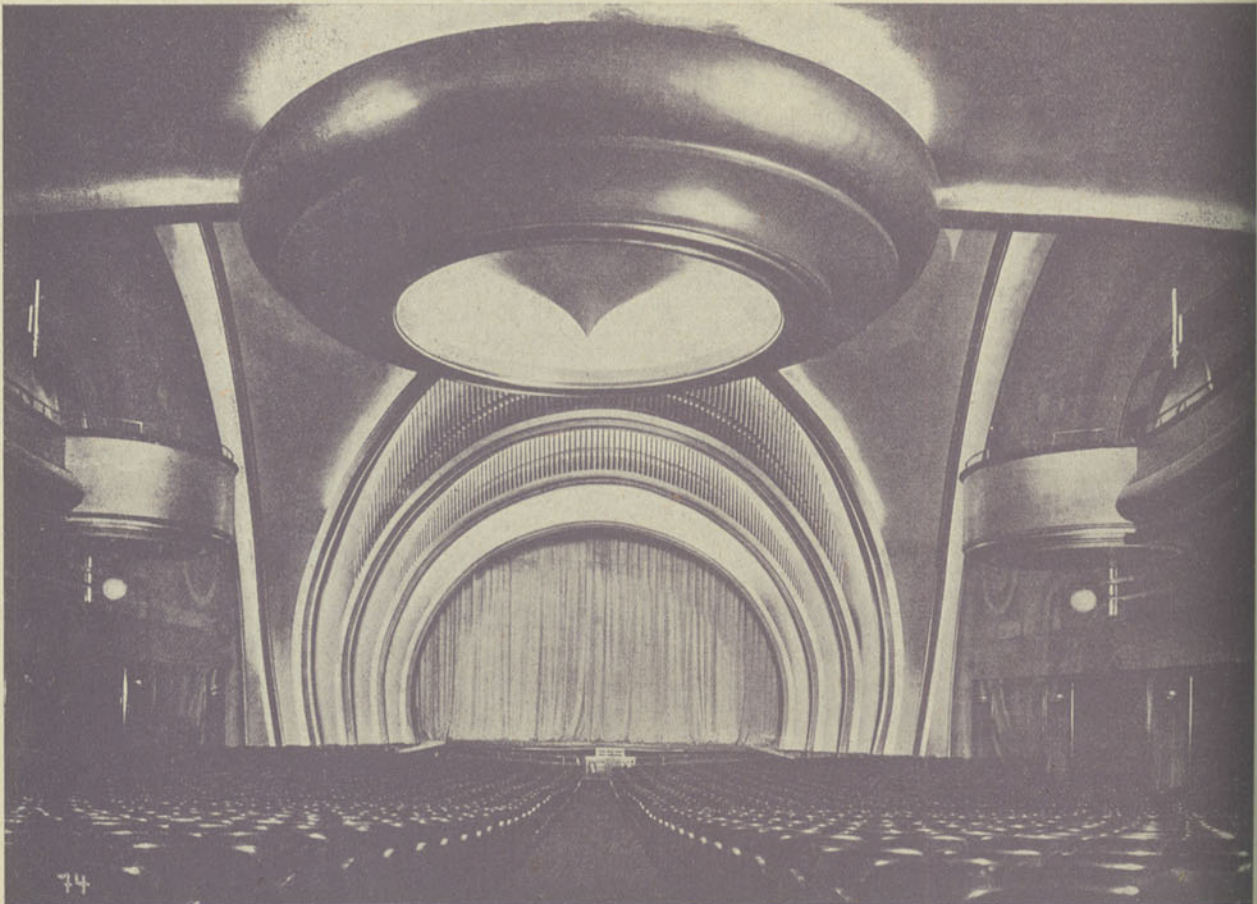
actividade produtora, encontram nos alemães um galhardo e progressivo esforço. Dos *ateliers* de Tempelhof, de Staaken e de Neubabelsberg saem todos os anos grande número de filmes, os quais, pelo seu carácter cultural, científico e artístico são no Novo Mundo — império da cinematografia! — objecto de admiração e de respeito.

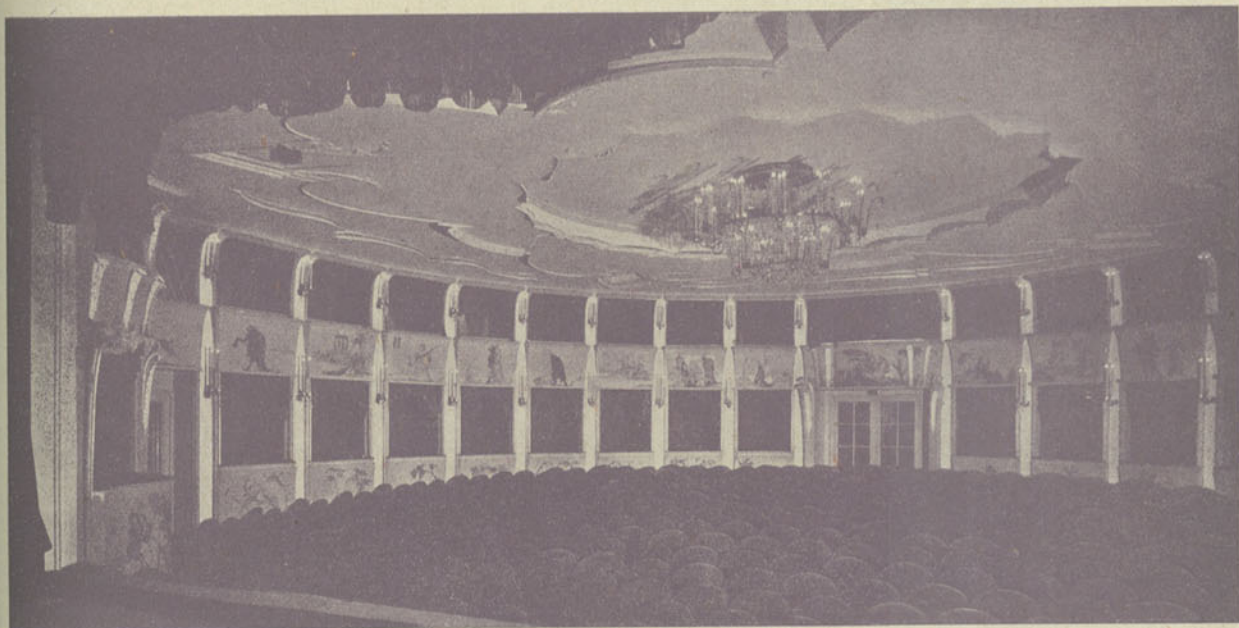
Pois o esforço alemão sente-se principalmente às portas de Berlim, na pequena cidade de Neubabelsberg, a Hollywood da Europa.

Se em todo o território alemão existem hoje 5.200 salas de projecções em ambientes cuidados, estando 1.900 perfeitamente equipadas e com condições acústicas para o sonoro, Berlim conta, presentemente, 379 cinemas, trinta dos quais, sem exagêro, se podem classificar, pela sua imponência e grandeza, de verdadeiros palácios.

O «Ufa Palast am Zoo», por exemplo, situado no bairro oeste da cidade, é um dos mais amplos e modernos, dispondo de lotações para 2.400 espectadores. A pouca distância, fica o «Gloria-Palast», o mais elegante, sala e foyer estilos Luís XV, decorados com primorosas gravuras da época. O «Titiana-Palast», em Steglitz, revela, na sua arquitectura moderna, o actual espírito criador alemão. O palco, em semi-círculo, cortado por renques de luz, animado de efeitos coloridos, é um encanto. E outros, como o «Capitol», o «Atrium» e o «Universum» constituem três interessantíssimas e originaes expressões modernistas, onde um apurado gôsto se alia a um aliciente conforto.

EM BAIXO — Interior do «Titiana-Palast», em Steglitz





A sala de «Die Komödien», a sala de Max Reinhardt

Mas não só os teatros, os cinemas, as salas de música e o vasto e pitoresco «Luna-Park» fazem de Berlim uma atracção suggestiva da Europa, inscrevendo-a nos «Baedeker's» mundiais em caracteres destacantes.

Os *cabarets* de luxo, os hotéis da moda, — o Éden, Esplanada e Bristol, com os seus

salões de chá — os característicos *bars* e os inúmeros *tanz*, ligados uns aos outros num *coktail* de luz, realçam extraordinariamente a vida nocturna da capital do antigo Império.

E com todos esses atractivos não admira que esta vasta metrópole de quasi cinco milhões de habitantes atinja, à noite, a mais ele-

vada expressão de *féerie*, — luz que chega a ser inimiga da claridade do dia e se apresenta, ao fulgor dum movimento intenso e perturbador, como um milagre impressionante de técnica da electricidade.

MÁRIO DE FIGUEIREDO.

EM BAIXO — O «Piazz», situado no local da antiga estação do Norte

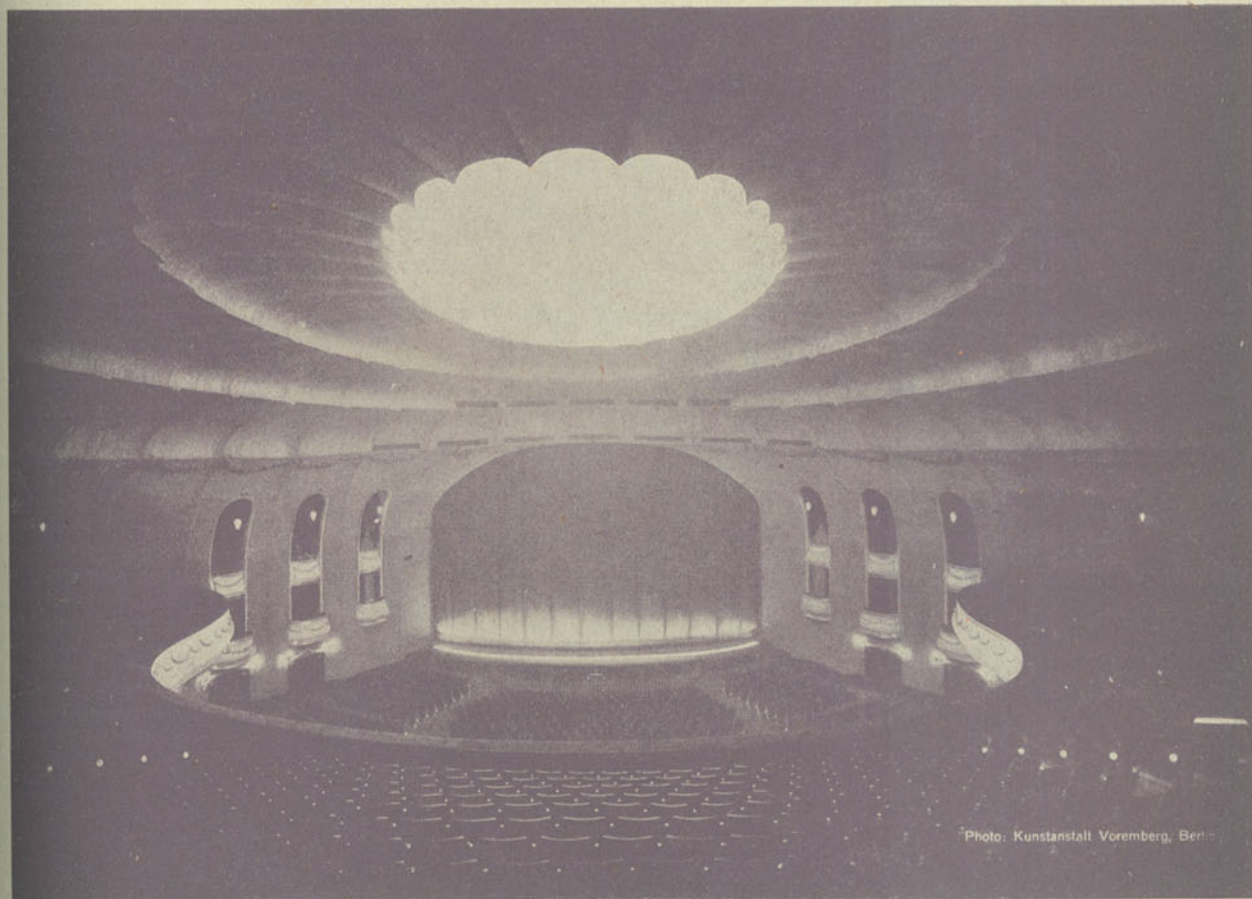


Photo: Kunstanstalt Voreberg, Berlin



■ O AMOR ■ ■
EXCENTRICO
DO PAIS DOS
■ ■ FILMES ■ ■



Ivonne Le Bois, a noiva, de Charles Rogers, falando com ele a 5.000 milhas de distancia
(Foto Orrios)



C.G. 98

Um delicioso retrato de Corinne Griffith

(Foto Orrios)

Em Hollywood, cidade de miragem, como em todas as cidades de magia, como sempre acontece no reino dos sonhos, tudo o que se passa é fantástico, irreal, fantasmagórico. Nem lógica nem trambelho, seja no que fôr. E assim, o amor, a coisa mais catalogada, banal e falta de imprevisto de todas as que passam pelo caleidoscópio humano, tem em Hollywood matizes absolutamente imprevistos. Dos cronistas da Cinelandia, uns dizem que todas as *estrelas* e *estrelas* são vestais insensíveis, só pensando ou trabalhando, não tendo outros gozos terrenos que não sejam os sacrifícios em ares de deusa arte. Ao invés, outros pintam a zona doirada da Califórnia como um insulto aos deuses, um novo bosque pagão onde pulam faunos e bacantes fogem, aos gritinhos, por entre a ramaria cúmplice. Deve haver, da parte de uns e outros, aquele suave exagero costumado em reporters de alta estirpe e longa vista. Mas o que há, sim, é extravagâncias. E de uma nos fazemos hoje éco.

Buddy Rogers ou Charles Rogers, como queiram, é um dos *favoritos* das senhoras em todo o mundo. O simpático galã jovem da Paramount tem, a palpitar pelo seu sorriso, uns milhões de peitos ternos de donzelas, por todo esse mundo. E conseqüentemente, tem milhões de cartas mais ou menos atrevidas a pedir a sua bem tratada mão. Pois julgam que o simpático e risonho Buddy acedeu a algum destes convites ao matrimónio? Enganam-se. Ei-lo que vai casar com uma formosa artista americana Miss Ivonne Le Bois, uma beleza excepcional. E como se falaram, como se concertaram as suas bodas?... Nunca se falaram... senão pelo telefone e a menor distância que mediou entre ambos foi de 5.000 milhas!... Pelo telefone se namoraram, prometeram e... são capazes de casar por T. S. F.... Sabe-se lá!... Tudo é de esperar dos excêntricos de Hollywood, nesta época singular do alta-voz e do sonoro Western.

ÉCRAN.





COM BYRD NO POLO SUL

A super-produção sonora
« gigante da temporada »

Lisboa vai conhecer, dentro em pouco, um dos grandes monumentos do cinema sonoro. Pela primeira vez, o génio humano conseguiu o prodígio sublime de transportar a equipagem cine-sonora, nada menos do que até ao Polo Sul. O explorador Byrd, o heroico decifrador das regiões antárticas, num esforço magnífico, atingiu o polo à custa de trabalhos sem conto, de privações, lutas e perigos de morte que as câmaras sonoras da *Paramount* fixaram, para a eternidade, dando assim origem a uma das mais sensacionais películas da história do cinema. É um documentário grandioso mas um documentário que, em interesse, em imprevisto, emoção



O heroico almirante Byrd, no seu traje de explorador polar



Um dos expedicionários esperando a saída de uma foca do seu refúgio gelado



O baleote arpoado vai afundar-se e o operador, heroicamente, filma nas proximidades do polo

e beleza supera as mais empolgantes produções dramáticas.

São seus interpretes, com a naturalidade absoluta da propria vida, os audazes companheiros de Byrd e o heroico almirante chefe da expedição e comparsas expressivos os cães, os animais da zona gelada, a propria planura infinitamente branca e infinitamente vasta, os ceus de maravilha, as tormentas e as indescritíveis auroras boreais. Nunca o cinema atingiu maior beleza do que nesta super-produção sonora da *Paramount* e nunca, por assim dizer, a arte cinematográfica raiou mais alto do que nesta película-prodígio *Com Byrd no Polo Sul*.



EM CIMA: — UM ELEGANTÍSSIMO TRAJO DE PASSEIO EM AZUL PRUSSIA E BRANCO, DE TALLHO ORIGINAL

EM CIMA: — A MAIS CURIOSA E ESTILIBADA «TOILETTE» DESTE PRINCÍPIO DE PRIMAVERA. UMA SINFONIA EM BRANCO E ROSA

AO CENTRO: — UM LINDO TRAJO PARA PASSEIO, AUTOMÓVEL OU VIAGEM, PRÁTICO, BELO E CONFORTÁVEL

Fotos BRUNO WINTERFELD
= transmitidas por ORRIOS =





O QUE SERÁ A RÁDIO BREVEMENTE?

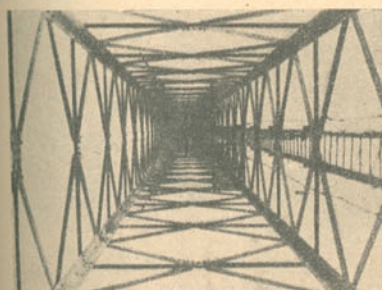
O Presidente do Rádio Club of América, sr. Luís Gerard Pacent, e um dos pioneiros da rádio-telefonía, fêz interessantes declarações acêrca do que prevê



Clara Bow, a deliciosa actriz cinematográfica, é uma fervente admiradora da rádio

quanto ao avanço que tomará a rádio neste ano e no decorrer dos próximos, declarações estas que transcrevemos :

«O ano próximo será de grandes progressos para a história da rádio. Tendo-se desenvolvido de um modo vertiginoso nos últimos sete anos e ocupando, actualmente, um lugar de destaque na vida de milhões de america-



O interior dum dos mastros da antena de Varsóvia



Uma foto curiosa — O telegrafista dum avião de passageiros leva, como mascote, o mais pequeno cavalo do mundo que assim anda, em carreiras aéreas, de Cleveland para a California e vice-versa

nos, a rádio encontra-se mais firmemente estabelecida que nunca.

Durante o presente ano, verificar-se-há um adiantamento notável e multiplicar-se-hão as aplicações da rádio-eléctricidade, que terá outros fins além de divertir o público.

Representando um papel proeminente no «lar americano», a rádio conquistará, agora, novos ramos de utilidade. É muito difícil uma previsão das suas aplicações futuras, do mesmo modo que há vinte anos atrás, quando os amadores e engenheiros faziam experiên-

permiu a antevisão de uma organização de um sistema uniforme de sólida educação na-



LOCUTORES EUROPEUS — Maria Eutroshotel, da Norag de Hamburgo



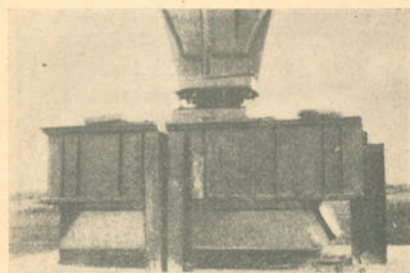
Um cão que mostra verdadeiro amorismo pela radio

cional, por isso que as mais distantes escolas poderão gozar, integralmente, das vantagens vindas das lições dos melhores mestres, que

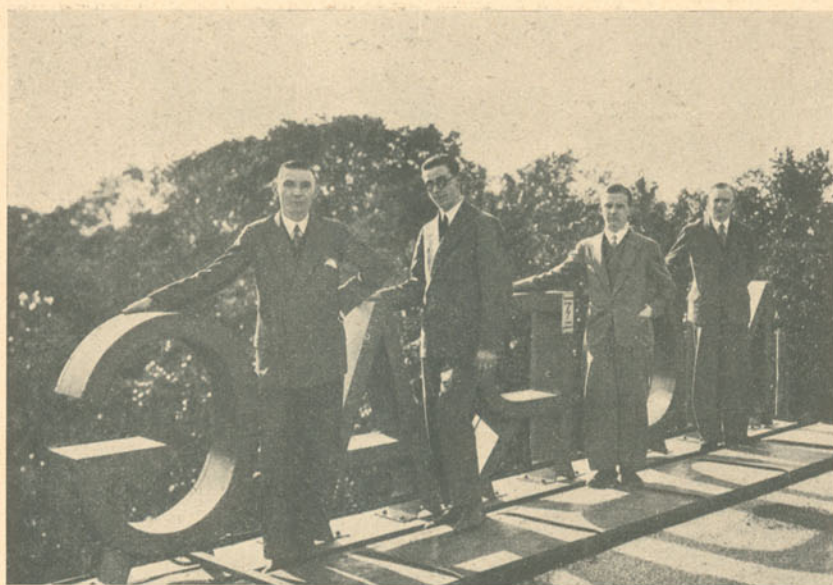
cias com bobines rudimentares e cristais, não se podia fazer ideia do ponto actual em que está a rádio-telefonía.

Durante os próximos anos veremos a rádio empregada com mais freqüência nas escolas do mundo inteiro, como um novo meio de difusão do ensino. Parece ainda cedo, para que se possam começar as maravilhosas possibilidades da rádio no que diz respeito à educação.

Com a ajuda provável da televisão, dentro dos dez anos vindouros, motivo de sobra



A fortíssima base de um dos mastros da antena de Varsóvia



LOCUTORES EUROPEUS — Paul Ziche, Alfred Wilkening, Hans Günther Marck e Walter Hüssing, da Norag, de Hamburgo

serão transmitidas por uma estação central de rádio-difusão.

A rádio, como uma garantia para a navegação aérea, também promete progressos admiráveis. Graças à constante expansão de emissões e informações meteorológicas a cargo dos governos, e ao trabalho no aperfeiçoamento de aparelhos, que está sendo levado a efeito, dentro em pouco, à navegação aérea comercial e particular será proporcionada uma era de segurança e utilidade sem par.

Em vista do alto grau de adiantamento da técnica da rádio, prevejo grandes acontecimentos no biénio 1931-32, especialmente no que se refere aos aparelhos de cinematografia falada para o lar, transmissão em ondas curtas, receptores diversos e transmissões sincronizadas.»



LOCUTORES EUROPEUS — Carlos R. del Pozo, da E. A. I-7, de Madrid

CHOQUE RADIO-TELFÓNICO

Um diário norte-americano publicou recentemente a seguinte notícia:

«Quatro doentes morreram repentinamente durante a operação a que estavam sendo



LOCUTORES EUROPEUS — Daniel Prior, de Copenhague (Dinamarca)

submetidos a-pesar de todas as precauções normais nestes casos.

«Os médicos explicam este caso extraordinário da forma seguinte: Notou-se que durante as referidas operações uma estação de rádio-difusão muito próxima e potentíssima, transmitiu um programa, e, supõe-se que os vapores do éter empregado pela anestesia tenham feito de condutor entre os objectos

metálicos da sala de operações e o corpo dos pacientes. Estes, no menor estado de resis-



LOCUTORES EUROPEUS — P. Bochenski Tadeusz, de Varsóvia (Polónia)

tência, morreram devido a um verdadeiro choque radiotelefónico.»

Si non è vero è ben trovato.

REVOLUÇÃO RADIÓFILA

Dir-se-hia que a Europa disputa à América a primazia do avanço revolucionário das teorias e práticas da rádio.

Acabamos de ler nos jornais de Lisboa a



LOCUTORES EUROPEUS — Emil Urba, de Moraska-Ostava (Tchecoslovaquia)

seguinte comunicação fornecida pela *United Press*:

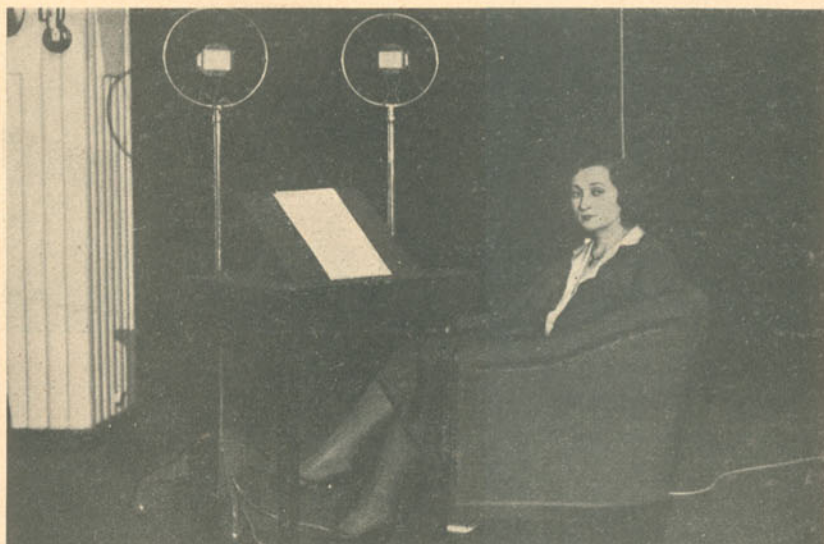
A COZINHA PELO RÁDIO

PARIS — Fevereiro. — Na última sessão realizada pela Academia de Ciências Francesa, o sábio d'Arsonval expôs os resultados obtidos, pelo professor dr. Siedman, nos seus estudos



LOCUTORES EUROPEUS — Luis Medina, da E. A. J-7, Union-Radio-Madrid

sobre a acção calorífica a distância, das ondas do rádio. Siedman já tinha feito, primeiro, várias experiências, para o tratamento do reumatismo, por meio de ondas curtas e chegara à conclusão de que as ondas de rádio duns 15 metros de comprimento, desenvolviam o calor suficiente para poder influenciar o organismo vivo. Aumentando a força da corrente utilizada, consegue-se aumentar também a acção calorífica e, portanto como declarou d'Arsonval, a possibilidade da sua utilização para cozinhar.



LOCUTORES EUROPEUS — P. Sztompka-Grabowska Janina, de Varsovia

Já Siedman afirmára que se podia por meio de ondas de rádio, cozinhar facilmente um ovo, a 100 quilómetros de distância.

A maior dificuldade está no facto d'este método ou progresso sair caro.

Mas, se se conseguisse explorar e utilizar a acção calorífica das ondas de rádio, para outros fins, encontrar-se-hiam no futuro, provavelmente, so'uções adequadas para tornar utilizável a rádio na cozinha. Depois da preparação necessária das diferentes iguarias, bastaria mesmo a qualquer distância abrir a corrente, para se chegar a casa e encontrar a comida pronta.

Também o dr. de Pomaine, do Instituto Pasteur, emitiu uma apreciação sobre a cozinha-rádio e disse que seria a cozinha do futuro.

Este depoimento tem extraordinário valor, por provir dum conhecido químico, que é ao mesmo tempo um afamado perito culinário.

*
*

Não sei como convencer os leitores da *Ilustração* de que esta crónica não foi escrita para sair no dia 1 de Abril...



LOCUTORES EUROPEUS — Carl F. Schionning de Copenhague

ALVARO CONTREIRAS

UM SONETO INEDITO DE FLORBELA ESPANCA



LEMBRANÇA

*Fui Essa que nas ruas esmolou
E fui A que habitou Paços Reaes;
No marmore de curvas ogivas
Fui Essa que as mãos pálidas poisou...*

*Tanto poeta em versos me cantou!
Fiei o linho á porta dos caaes...
Fui descobrir a India e nunca mais
Voltei! Fui nessa náu que não voltou...*

*Tenho o perfil moreno, lusitano
E os olhos garços cor do garço Oleano,
Sereia que nasceu de maresantes...*

*Tudo em cinzentas brumas se dilue...
Ah! Quem me dera ser Essas que eu fui!
As que me lembro de ter sido... dantes!...*

FLORBELA ESPANCA.



O *Diário de Notícias*, num magnífico apelo á gente nova e á gente culta de Portugal, abriu nas suas colunas uma subscrição, cujo montante já é avultado, para, com o seu producto custear as despesas com o busto de Florbela Espanca, a extraordinaria poetisa do Alemtejo e que perpetuará a sua figura original de grande artista. Diogo de Macedo, o grande escultor, modelará o monumento sobre peanha de Jorge Segurado, um architecto notavel e muitas dedica-

ções e contribuições custearão a obra para a qual fornecem marmores deliciosos, as pedreiras de Extremoz. A iniciativa vae, pois, resultar num grande exito. Mas para que não demore a homenagem á insigne poetisa que a morte arrebatou, ur:e que mais alguns dos seus admiradores e conterraneos, acorram á subscrição do *Diário de Notícias*. A tal os exortamos certos de que apadrinhamos uma obra cheia de ternura e beleza.

LIVROS

Para falar de muitos poetas, como nesta página, força é entre eles embrechar a referência justa a um dos mais belos livros de versos da temporada, a jóia burilada que é *Rosas desta manhã*, obra póstuma do saudável Augusto Gil e cuja segunda edição acaba de surgir nas

AVGVSTO GIL



ROSAS DESTA MANHÃ

montras lisboetas. Augusto Gil era um singular temperamento de artista, de um subtil requinte, de uma elegância espiritual impar no seu tempo. Sarcástico, irónico, esgrimidor de fino florete, deixou, na sua obra, a par de trechos de profundo lirismo, sátiras verdadeiramente notáveis. Mas onde a obra de arte poética se eleva mais alto, dentro da vasta colecção de poesias de Augusto Gil é nestas imitações, tão delicadamente conseguidas de velhos epigramas e legendas clássicas.

A sua musa ágil, fagueira e clara, compraz-se no diffeil «pastiche» que aqui, pela primeira vez depois de Pierre Louys, adquire relevos de originalidade e foros de verdadeira obra de altura artística. E só esta qualidade bastaria para tornar *Rosas desta manhã* um volume de versos notabilíssimo.

Um dos livros apresentados, este ano, no Concurso de Literatura Colonial e que maior atenção obteve do proficiente júri, foi o romance *A conquista do sertão* do dr. Guilherme de Ayala Monteiro.



O autor, moço literato e jornalista que ao estudo e propaganda das nossas coisas coloniais, tem consagrado inteligência e diligência, teve uma altíssima intenção ao escrever o seu romance. Altíssima intenção é, na verdade, sob o ponto de vista patriótico, chamar as energias dos novos para a resolução, nebulosa ainda, do nosso problema colonial que só se conseguirá quando gente desempocirada e culta substituir, na população colonial portuguesa, a caterva de falhados ou de facinorosos que, em muitos pontos, constitui a única gente branca das colónias. Sob o ponto de vista da propaganda é muito nota-

vel a obra do dr. Ayala Monteiro e vista apenas pelo prisma literário, aparece como uma interessante tentativa de romance, em que algumas páginas atingem notável equilíbrio e solidez.

Antonio Bandeira, figura destacada, por muitos títulos, na grande geração que precede em a minha, diplomata, homem de letras e homem de espírito, e agora cruelmente atingido pela mais ferrenha das desgraças, tem perante a propria adversidade uma attitude de nobilissima elegancia mental. As suas horas de pavorosa solidão longe de o aniquilarem emprestam à sua vida espirital novos odos e novos fulgores, talvez mais vivos por rebrilharem de entre tão densa treva. E o literato e o homem de ideias progressivas e humanas sur, em, em toda a plenitude no seu bello livro «Os Grandes Armazens da Desventura» agora publicado. Neste livro doloroso, vivido, emocionante, salpicado, a espaços, por paginas duma humana grandezza, nem uma imprecisão, nem uma revolta; um sorriso amargo, meio sarcasmo, meio repulsa, mas o infinito orgulho de eliminar, da primeira à ultima linha, todo o drama pessoal.

E em vez da diatribe surge no extenso prologo uma ironia magnifica, de matizes tintas, envolvendo um enorme afun construtivo e depois, nas breves narrativas que compõem a parte essencial do volume, um amplo sentido de humanidade em que ha muito da ternura pelos infelizes, pelos animais e pelos pobres que são caracteristicas dos grandes mestres russos. A breve impressão «Patarca - Patarca!...» podia ser assinada por Andreiff como algumas paginas do prologo lembram, fragmentos de a silhueta alissa, elegante e desmpeccada do grande Kavalho Ortgão.

E assim, etc. «Os Grandes Armazens da Desventura» se pode considerar como um dos mais belos volumes do ano.

O regime de excepção que, sob a égide de Primo de Rivera, governou, parece que nem a contento de todos, a vizinha Espanha, sobrepondo-se a todos os estatutos constitucionais e até ao próprio monarca que tal aventura gizou e provocou, lançou para o exílio uma brilhantíssima pleiade de homens ilustres, de elevada mentalidade, alguns de renome universal e todos de acendradas ideias liberais. Ser o cronista do grande cenáculo de emigrados reunido em Paris, mas um cronista apaixonado, leal, vibrante, valente e oportuno, era tarefa



de seduzir um verdadeiro jornalista. E por isso Francisco Madrid, um dos valores melhores da sua geração, moço cheio de entusiasmo e de cultura, empreendeu tão bela tarefa. Pelas páginas do seu livro, um dos mais palpantes que me tem sido dado conhecer, neste género bem difficil da reportagem moderna, passam, flagrantes, vivos, brilhantes, nítidos, os clichés que o grande jornalista obteve do egrégio Miguel de Unamuno, do genial Blasco Ibañez, desigual e arbitrário,

o coronel Maciá, o místico catalão, a figura escura e claudicante de Rodrigo Soriano e a envergadura de velho cacique de Santiago Alba. Todos ficam, como dizem os espanhóis, «clavados» nas páginas vibrantes, rebeldes e magnificas de *Los desterrados de la dictadura*, reportagem politica das mais notáveis do nosso tempo.

Nem todos os que fazem versos são poetas, ainda que, nas suas poesias a métrica não sófra rudes encontros e as liberdades poéticas não assumam o aspecto de verdadeiro abuso de liberdade. Há mesmo pessoas que se revelam como possuidoras de verdadeiras qualidades literárias, sólida cultura e apurada sensibilidade, mas que não conseguem, em suas poesias, mais do que uma frieza correcta que desanima. Tudo nelas é correcto, atroz e espantosamente correcto. E como o génio poético está no desvario da sensibilidade e a própria inspiração um desequilíbrio é, de-certo, acontece que há autores de limpos e correctos versos que não são poetas. Parece-nos, em tôta a sinceridade, ser êste o caso do sr. Sales Lima que, afirmamo-lo, revela excelentes qualidades literárias. Mas o seu *Sonho desfeito*, apresentado em luxuosa e requintada edição, se revela uma inteligência apreciável no nosso escasso meio literário, o que não traz é a revelação dum poeta verdadeiro e inspirado.



O senhor Tomás de Eça Leal é o que se chama um poeta chique. O seu nome anda em voga nas camadas mais elegantes da sociedade lisboeta e Eça Leal faz o possível por justificar o verdadeiro carinho com que o mundo elegante acolhe sempre as suas mimosas produções poéticas.

TOMÁS D'EÇA LEAL

Meridionais

poemas

um dos livros de OLAVO

tos ultra-românticos, a-pesar do seu aparente recorte naturalista e do esforço feito em os tornar vibrantes de sensualidade e vigor moderno, nada mais justo do que o êxito que os livros de Eça Leal obtêm junto do seu público especial que com êles decora as suas estantes patricias.

Em *Meridionais* já a crítica, sempre solícita no carinho para com o seu requintado autor, marcou bem algumas poesias de destacante valor no amalgamado geral. Restamos elogiar a elegância da edição, apimentada com abundosas citações de literatos preferidos e desenhos do seu filho Olavo.

AMANCIO CABRAL

O QUE FOMOS E O QUE SOMOS

--- NO --- EXTREMO ORIENTE

E os que depois de nós vierem, vejam
Quanto se trabalhou para seu respeito.
Por que eles para os outros assim sejam.

A. Ferreira

HAVERÁ uns setenta e tantos chineses em Lisboa e trinta e tal no Pôrto, lojistas e vendedores ambulantes. «Olha, o chinês!» é o grito de espanto, servindo de cumprimento hospitaleiro, que sai da boca das cabeças mais levianas do populacho. O culto, êste, possuído da sua cultura mediana, com um encolher dos ombros à «la je sais tout», sorrindo com uma nebulosa recordação da leitura das vagas e desconexas notícias das intermináveis guerras civis, diz lá com os seus botões: «É do Império Celeste!» como quem ainda apelida Portugal de monarquia.

Nisto se cifra hoje entre nós todo o nosso conhecimento, contacto e interesse quanto à China, ao Japão e à Malaia. De relações comerciais e intellectuais nem falemos. E o Estado nunca se tem interessado pela questão

senão no sentido de colocar seus filhos dilectos, os senhores burocratas.

Como andamos bem arredados da tradição! «Os tempos são outros, já não podemos proceder como antigamente», vociferam os derrotistas. Mas, pergunta-se, que tal de nos acomodarmos às circunstâncias hodiernas? Aparte um P.^o Rodrigues, autor de *Jesuitas Portugueses Astrónomos na China*, um Montalto, cuja obra *Historic Macau* (a mais importante que até hoje se tem publicado) ainda não encontrou quem a traduzisse, e poucos outros, sinólogos e nipólogos, como os há no resto da Europa e na América (von Franck, Hirth, Schurhammer, Lorenz, Papinot, Steichen, Wieger, Doré, Giles, Dennett, Laufer, Morse, por exemplo) não temos. Ainda está por criar entre nós uma Asiatic Society. E há bem pouco tempo disse-me um diplomata chinês: «Simpatiso imenso com Portugal porque vejo nele tantas semelhanças com a China, nos costumes, na arquitectura, etc.»

Verdadeiramente andamos muito esquecidos das nossas gloriosas tradições e perante as grandes possibilidades de hoje nos campos de cultura e comércio somos, inegavelmente, inertes.

O que é que fomos no Extremo Oriente? Nunca lá tivemos senão duas coloniazinhas e os nossos objectivos foram o apostolado e o comércio. Malaca foi nosso durante um século; lá deixámos vestígios imorredoiros nos, igrejas, fortalezas e inscrições e a me-

mória dos nossos feitos ainda dura, e chegámos a dominar umas cinqüenta milhas da costa ao norte e ao sul da praça de Malaca. Macau tem tido mais sorte; nem os espanhóis, nem os holandeses, nem os ingleses, nem os chineses, nunca conseguiram apoderar-se, por motivos vários, dêste bocadinho de terra genuinamente portuguesa. Macau foi o grande centro da evangelização, a Roma do Extremo Oriente; foi o grande empório de comércio; foi um centro de cultura que irradiou até Pequim; foi o asilo de estrangeiros ante o desabrochar do imperialismo inglês no segundo quartel do século passado.

No Japão, em menos dum século que nos deixaram lá ficar, fizemos também muita coisa admirável; aos japoneses demos uma sólida instrução religiosa, demos muitos mártires, demos a primeira imprensa e arma de fogo, e os primeiros japoneses que pisaram o solo europeu foram os da embaixada organizada por nós.

Não é aqui o lugar de expôr a história minuciosa da acção portuguesa no Extremo Oriente. Bastam uns panos de amostra para convencerem quem quiser que o nosso papel não foi mesquinho. Entre nós, até hoje se empregam estas expressões: negócio da China, Pagode e Mandarim; a palavra chá vem do dialecto cantonês (sendo thé, tea do dialecto do Norte); na China, ainda hoje no comércio externo gigantesco há termos portugueses que se empregam: comprador (intermediário, capitalista chinês) e *sai-on-pou* (pano português, que durante dois séculos exportávamos para o Oriente, criando assim um padrão de boa fazenda textil); não há estrangeiro no Oriente que não empregue a locução *maski* (não importa), que não é não mais que, ou por mais que.

Quando as tropas alemãs saíram de Pequim, em 1901, depois da derrota dos Boxers,



Uma igreja de caracter marcadamente português no Extremo Oriente (Filipinas)

levaram consigo para a Alemanha as preciosidades que existiam no observatório astronómico que os nossos missionários jesuítas tinham construído. Quando da invasão dos Manchus, foram os nossos missionários também que fortificaram a China. Foram eles também quem levantaram as primeiras cartas geográficas daquele país. Uma das primeiras figuras em toda a história da China, Paulo Si, sábio, escritor clássico e estadista, foi baptizado pelo padre João da Rocha. O monumento mais grandioso de arquitectura europeia na China é a igreja de S. Paulo, em Macau.

O insuspeito Gonçalves Viana exaltou a contribuição linguística dos nossos missionários, pioneiros neste como tantos outros campos.

Se na Itália a laranja é chamada *portogallo*, é porque nós introduzimos na Europa esta fruta da China, sendo «mandarim» o nome internacional pelo qual é conhecida uma variedade, e na Alemanha, *apfelsine* (maçã da China), testemunha um entre muitos serviços prestados por nós à Europa. Basta percorrermos os Glossários de Monseñor Delgado para entrevermos a magnitude do nosso contacto com o Oriente. Foi o Oriente que nos forneceu material para numerosas páginas clássicas da nossa literatura. A galeria dos nossos vultos no Oriente, desde Tomé Pires e Gaspar da Cruz até o padre lazariense e eminente sinólogo Gonçalves e o poeta Miranda, encheria qualquer país de orgulho.

E agora o que somos? Quando Ljungstedt publicou a sua obra sobre os Estabelecimentos portugueses na China (Boston, 1836), já não existia comércio directo com a metrópole, o último navio mercante lisbonense tinha-se desvanecido da scena oriental havia anos, e o autor estrangeiro que conhecia bem as nossas façanhas passadas deixou registadas estas palavras: «Leb us now throw a glance not at what remains of the ancient splendor, for that is nearly gone, but at



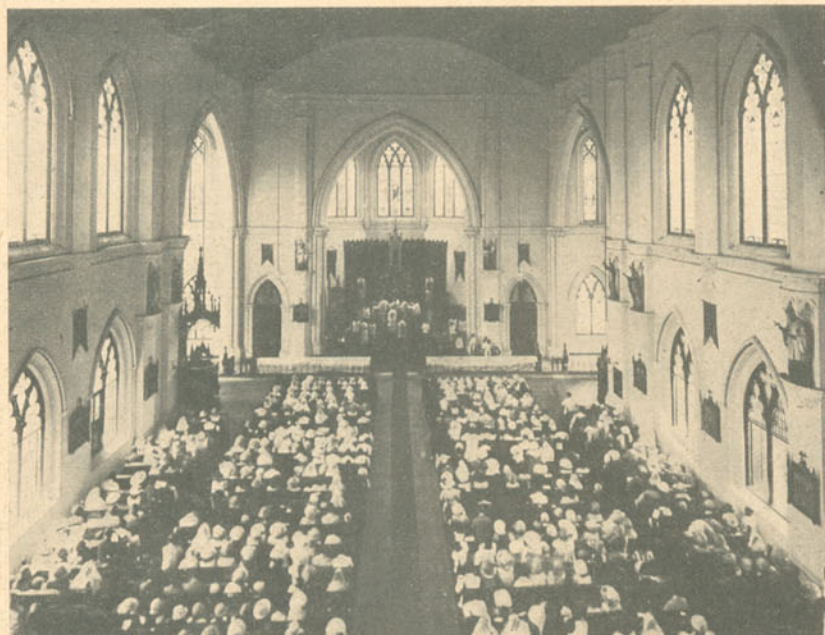
Missionários portugueses e autoridades consulares na China

the cheering hope that the settlement may once more rise into notice.»

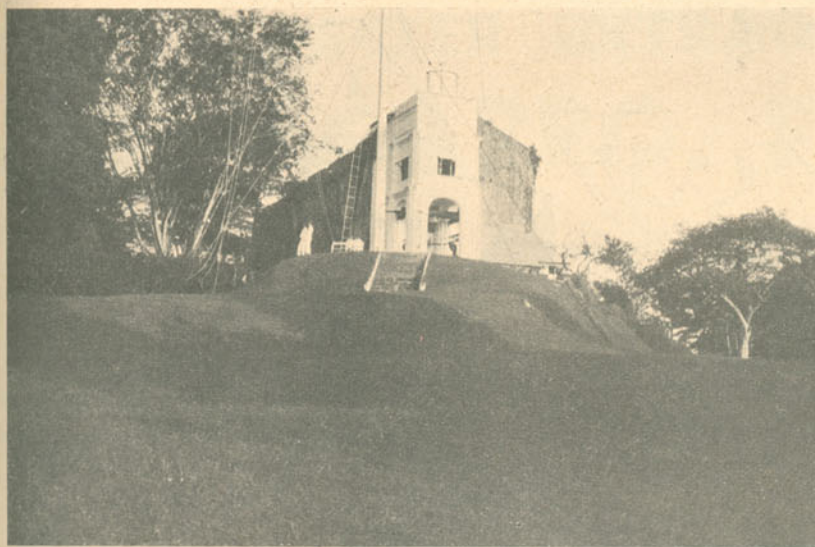
Era o começo do fim, e isso antes mesmo do raiar imperialístico britânico naquelas paragens; a representação feita em 1821 a D. João VI não tinha trazido a Macau a âncora de salvação, a queda era fatal, se a mãe mal podia para si quanto menos para a pobre filhinha. E assim repete-se a história. Em 1875, Pery tinha que dizer o seguinte na sua *Geografia e Estatística*: «Por muitos anos foi Portugal a única nação... adquirindo Macau grande importância comercial. Mais tarde estabeleceram-se os ingleses em Hongkong, e foi forçada a China a abrir ao comércio estrangeiro as portas de Shanghai, etc.», perdendo assim os portugueses o privilégio de que não tinham sabido tirar partido possível, e o comércio de Macau ficou quasi aniquilado, não lhe valendo o tardio decreto de 1845, que franqueou o porto de Macau ao

comércio geral... O comércio é actualmente exercido pelos negociantes chins e por algumas casas estrangeiras.» Pois nem a heróicidade dum Ferreira do Amaral e dum Mesquita, nem as várias tentativas comerciais macaenses, nem o esforço educativo dos jesuítas beneméritos, nem os trabalhos de Marques Pereira, Loureiro e outros, nem os tratados com a China e o Japão serviram de coisa alguma para o renascimento, a ressurreição do comércio português e, portanto, do seu império, Macau. Passou a vegetar, e à custa de rendimentos, uns sugados de vícios abomináveis, e foram sempre os mais chorudos, outros cobrados do trabalho chinês que não portugueses; ficando nós vergonhosamente a desempenhar o papel de funcionários, como se a China tivesse precisão da nossa superior e adiantadíssima administração, hoje sobretudo que os chineses têm progredido tanto e com Hongkong, Shanghai, Isintao e Dairen à mão como termos de comparação; como se não tivéssemos a mais estrita obrigação ou de restaurar Macau, ou de humildemente dar a nossa missão no Oriente por finda, posto que a evangelização de domínio territorial não precisa. Sem comércio, comércio nosso, não temos justificação nenhuma de permanermos no Oriente.

Hoje os seis mil portugueses na Maláia (Singapura, Malaca, Penang e o Interior), perderam-se para Portugal; conservando ainda seu dialeto e tendo ainda meia dúzia de padres portugueses, eles são, de resto, subditos britânicos sem mais contacto algum connosco. No Japão, só em Kobe há um nucleosinho de portugueses, oriundos de Macau e encontrando-se na mesma situação que os portugueses na China. Nas Ilhas Filipinas haverá uns cinqüenta. A emigração para Hawaii é recente, e a desnacionalização é praticamente absoluta. Na China haverá oito mil portugueses, se tanto; pelo menos um quarto são subditos britânicos pelo nascimento em Hong-Kong; afóra aqueles que nasceram em Macau, e são a maioria, todos se vêem completamente afastados da vida portuguesa: nem falam já o dialeto macaense nem conhecem Macau. Conservam a nacionalidade portuguesa por mera conveniência. Quasi todos tem instrução secundária e são



O interior dum templo português em Singapura



Fortim português em Malaca

empregados no comércio inglês, americano, alemão. Em geral levam uma vida muito mais desafogada que a da mesma classe em Portugal, ganhando de três a sete contos por mês. Em Macau, com raras excepções são funcionários públicos. Com a penetração branca na China desde os meados do século passado e a decadência portuguesa, começaram a emigrar de Macau e tem tido muita sorte em encontrarem emprego nas numerosas empresas estrangeiras, sobretudo em Hong-Kong e Shanghai, mas também em Hientsion, Hankow e Cantão. Não tem nem igrejas nem escolas, nem jornais portugueses; a literatura, música, teatro e artes portuguesas são desconhecidas; as orações em português e os antigos costumes (festas, cozinha, doçaria, etc.), desapareceram quasi de todo. Por motivo de diferença de religião, de nacionalidade e de classe, veem-se praticamente isolados, por um lado ficando os chineses, por outro os nacionais dos vários países europeus e americanos. Vida social orgânica própria não possuem (como possuem as outras comunidades estrangeiras em Shanghai, por exemplo, ou aqui em Lisboa), tem *clubs* essencialmente do jôgo e do *whisky*, associações desportivas, companhias milicianas e sociedades de beneficência, que alcançam algum bem.

Que fazer em vista de situação tão triste? Se o Estado e as nossas *élites* intelectuais e económicas não fizerem nada em face da crise estrangeira no Oriente, eles ver-se-hão na necessidade de emigrarem em bloco para as Américas e a Austrália. Individualmente, tem saído já bastantes, descontentes com a sorte que vitima os portugueses. Por maior que seja o amor pátrio, não havendo vida orgânica nacional, não havendo solidariedade, justiça e oportunidade de trabalho dentro da economia e civilização nacionais, não pode haver senão emigração e desnacionalização. Não é decerto a nação portuguesa quem ganha com isso. Tudo quanto de objectivo se tem escrito sobre Macau (Marques Pereira desde 1860, Montalto, Melo Machado, recentemente Gervais, Valtorta e Inso), é um estendal de misérias, de tribulações sem consolações. «A invulgar ignorância e falta de

fôrça motivada pela distância e indiferença e negligência dos nossos govêrnos metropoli-

tanos antigos e deste século (XIX)», escreveu M. Pereira. «Não temos consciência dos fins a atingir, não temos orientação, nem persistência nos meios a empregar», disse Melo Machado. É evidente, e nada há a fazer; palavras não prestam, nunca serviram de nada sem acção. Todos, afinal, tem culpa nisto. Que fazer? Há seis anos alvitramos no Rio de Janeiro a necessidade urgente dum Congresso de Portugal Maior como o primeiro passo prático na senda de reconstrução: o Estado cooperando dentro das suas funções legítimas, nem mais nem menos, com as *élites* metropolitanas e de além-mar. Conhecendo bem a situação em que nós estamos como povo espalhado pelo mundo em resultado da nossa expansão histórica, estudaremos o plano de acção vigorosa que nos convém, e em seguida teremos que começar a agir orgânicamente, como um organismo são, equilibrado, perfeito em tôdas as suas partes. Os Bismarks ou Meijis infelizmente não aparecem com freqüência, e enquanto Portugal vai à vela ficamos todos à espera de D. Sebastião.

FILIPPE DA CRUZ.



Igreja, marcadamente inspirada na architectura manuelina (Singapura)

COCKTAIL

Qual a razão de se ligar a ideia dos ovos à da Páscoa?



Pelo facto do ovo, embora um objecto inanimado, conter em si o germen da vida, foi êle considerado, desde os mais remotos tempos como um simbolo de eternidade e resurreição. Assim o considerou a igreja ha muitos séculos, e em Inglaterra, até nas cerimónias protestantes da Páscoa, costumavam benzer ovos e distribui-los pelos membros da congregação. Entre pessoas amigas era, também, de uso presentear-se, na Páscoa, com ovos pintados de várias côres, sendo êsses ovos os precursores dos «ovos» esmeradamente confeccionados, que hoje continuam a usar-se como brindes e que na Semana Santa se vêem, profusamente espalhados, por todas as confeitarias.

O médico: — O senhor devia tomar todas as manhãs, um copo de água quente.

O cliente: — É o que eu faço, mas deitam-na numa chavena e chamam-lhe chá, lá na pensão onde eu estou hospedado.

— Vamos lá a saber — perguntou o Neves furioso — você disse que minha mulher se parecia com o meu bull-dog?

— Disse, sim senhor — respondeu o Silva — E então?

— Dispa lá o seu casaco, que temos de ajustar contas — gritou, furibundo, o outro. — Não admito a ninguém que diga mal daquele meu cão de raça, impunemente.

Henrique: — Se eu lhe desse um beijo, o que fazia?

Teresa: — Chamava pela avósinha... ela, coitadinha, é tão surda!

O marido (furioso): — Mas que disparate, ires gastar dinheiro num chapeu novo!

Ela: — Não gastei dinheiro nenhum.

— Deram-to de presente, então?

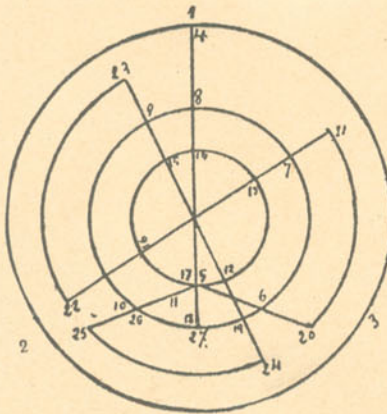
— Não; mandei-o lançar na tua conta.

O pollicia: — Porque desataste a fugir depois de ter partido o vidro daquela janela?

O garoto: — Ia a correr para casa, buscar o dinheiro para o pagar.

Sem levantar a pena

(Solução)



O Soares: — Até que enfim, estamos livres de dívidas!

A D. Brígida Soares: — Ai, ainda bem! Agora já podemos ter crédito outra vez.

Ele: — Estou arruinado!

Ela: — O quê! E antes de me teres comprado um casaco de peles, agora pelo Natal!

O ajudante do guarda-livros: — Já somei estes números dez vezes, senhor!

O guarda-livros: — Está bem, e então?

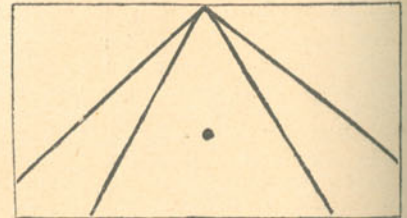
O ajudante: — E aqui estão as dez somas diferentes.

O Peixoto: — Porque será que uma mulher faz sempre esperar um homem tanto, depois de dizer que está pronta daí a um minuto?

O Seabra: — Porque se refere a um minuto que fica meia hora distante.

Formar um círculo com linhas rectas

Num bocado de cartão, da forma e das dimensões da figura junta, tracem as quatro linhas, em ângulo, que nesta se encontram desenhadas, e façam um pequeno orificio no ponto nêgro central, onde se enfia um alfinete



ou qualquer outro objecto análogo. Fazendo mover o cartão, rápidamente, em torno desse ponto, as linhas parecem tomar a forma de dois círculos. É um fenómeno curioso; experimentem e verão.

Ela: — Meu amor, tu és a oitava maravilha do mundo.

Ela (indignada): — E não poderei saber quem são as outras sete?

Quadro da época



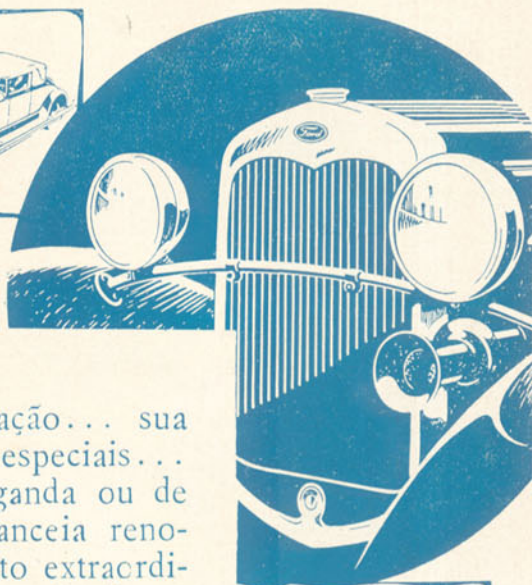
— O pai, hoje, tem que ir jantar ao restaurante, sabe! Convidei uma porção de rapazes e raparigas minhas amigas, para virem jantar comigo.

— E a tua mãe, o que diz a isto?

— Ah! já resolvi essa questão. Manda-se-lhe lá, qualquer coisa ao quarto.

(Do Pançá).

O CARACTER EXTRAORDINARIO DO CARRO FORD



...o seu conceito de geral adaptação... sua condição de carro de faculdades especiais... não são obra de gastos de propaganda ou de antigo prestígio desvanecido que aneia renovar-se. O carro FORD é o produto extraordinário de recursos extraordinarios aplicados á fabricação e á aquisição de materiais. É a criação de um estudo especialissimo em construção, em organização comercial e em serviço, que acumula constantemente na produção os beneficios de tantas e tantas facilidades postas á sua disposição...

E assim, numa qualidade extraordinaria, que oferece características surpreendentes numa unidade de preço — pistões de aluminio, valvulas de liga de silicio e crómio, quarenta classes de aço, mais de vinte chumaceiras, amortecedores Houdaille, cristal inestilhavel, aço inoxidavel, elegante distinção de linhas... — os mercados do mundo criaram unanimemente para o carro FORD uma categoria especial: a do carro cujo valor intrinseco mantém a sua supremacia e a sua individualidade ainda á margem do factor preço.

Perto de V. Ex.^a há um agente FORD á sua disposição.

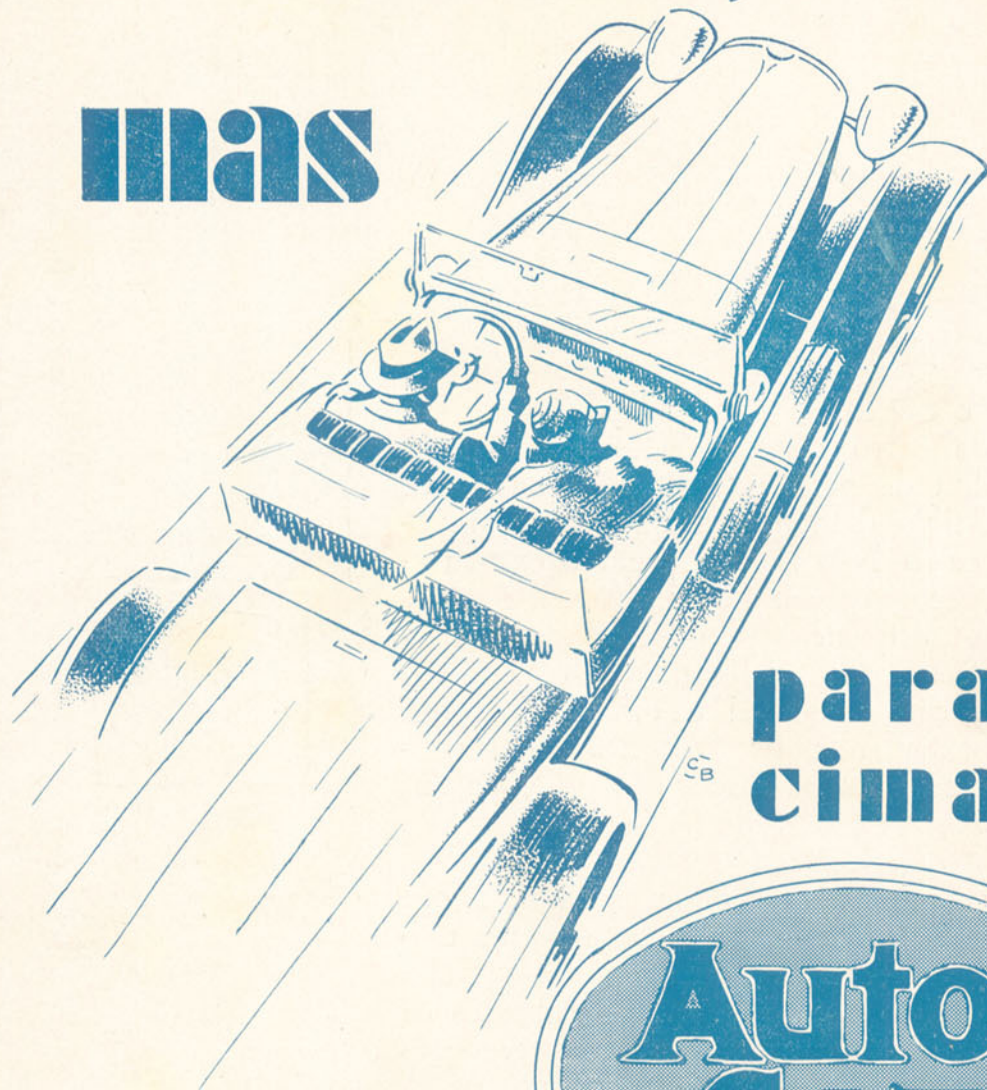
Ford Motor Iberica

BARCELONA

Fordson  LINCOLN

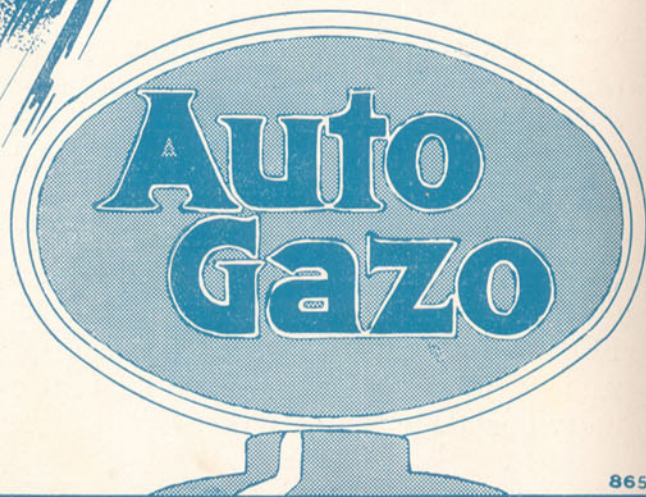
**Para baixo todos os
santos ajudam...**

mas



**para
cima...**

**Gazolina
anti - detonante**



865

VACUUM OIL COMPANY